vo das Fontes

DOCUMENTOS CAPITULARES

DAS

RELIGIOSAS DO SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA

CAPÍTULO GERAL

1ª SESSÃO

MARÇO/MAIO

1961

BIBLIOTECA DAS "FONTES"
Nº 362/96
15/06/96
R. S. C. M.

DOCUMENTOS CAPITULARES DAS RELIGIOSAS

DO SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA

Capítulo Geral: Primeira Sessão - Março/Maio - 1968

ÍNDICE

1 - Circular da Reverenda Madre Geral. 1

2 - Natureza e espírito do Instituto 4

3 - Govêrno. 13

4 - Vida de oração 28

5 - Vida consagrada vivida em comunidade 40

6 - Missão apostólica. 60

7 - Formação 76

-*-*-*-*-

BIBLIOTECA DAS "FONTES"
R S C M
PROVÍNCIA BRASILEIRA

OMNIA PRO JESU PER MARIAM

R O M A

11 de Junho de 1968

Minhas queridas Irmãs

Com a graça de Deus, chegámos finalmente ao termo da primeira Sessão do nosso Capítulo Geral especial. Através das suas vicissitudes, durante três meses vividos em comum, estamos certas de ter feito o esforço de obedecer à palavra do Senhor: "Pai,que eles sejam UM".

Os laços que uniram os membros do Capítulo, laços fundados sobre os sofrimentos e as alegrias vividos em comum, ficarão em nós como uma experiência que não se apagará mais das nossas vidas. É uma vida nova que se comunicará a todo o Instituto, através da própria vida das Capitulantes e através dos documentos do Capítulo. Estes, são o fruto de muita reflexão e oração, de estudo e de esforço comum para encontrar a vontade de Deus. Não são perfeitos nem completos. Necessitam de ser assimilados e postos em prática por cada membro do Instituto, pela reflexão e estudo pessoal e comunitário. Cabe a cada uma aceitá-los e fazê-los seus, para que a vida nova que eles encerram seja comunicada, no Espírito que os anima. Este espírito nos impelirá cada vez mais para Cristo, afim de incarnar a sua Vida nas nossas vidas e segui-lo, sabendo que Ele nos escolheu para o servirmos nas condições actuais da Igreja e do mundo. Foi por isso que começámos o Capítulo olhando a Igreja e o mundo de hoje que avança rapidamente e que tem necessidade de todo o nosso dinamismo apostólico para responder às suas necessidades humanas e espirituais.

às formas novas de vida e de acção, o esforço de renovação espiritual, de adaptação e atenção aos sinais dos tempos, estão ao serviço do nosso zêlo apostólico e da nossa vocação cristã e religiosa.

As decisões do Capítulo são o fruto deste olhar, com o qual abracámos a humanidade inteira e a juventude, em particular, à qual consagramos o maior número das nossas obras apostólicas. O Santo Padre, na audiência de 15 de Maio, exprimiu-o também, quando nos disse: "abençoo de todo o coração as vossas obras, os vossos esforços para a vossa santificação pessoal e para o bem da juventude à qual vos dedicais".

Conscientes de nós mesmas, do valor da nossa vida humana e da nossa consagração, da nossa dependência de Deus, da nossa pobreza, somos mais capazes de assumir a responsabilidade da resposta livre ao chamamento divino no momento presente. Com efeito, é um momento único na vida do Instituto, aquele que agora vivemos. Talvez nunca, na sua história, o seu destino dependeu tanto da nossa fidelidade ao Espírito, da nossa obediência a Deus e aos seus planos de amor.

Mas o trabalho do Capítulo não terminou com o fim desta Sessão. É agora que ele começa em todo o Instituto. É preciso acertar os dois passos: o do Capítulo e o do Instituto.
O Capítulo percorreu um longo caminho, avançou ràpidamente, graças ao diálogo, à comunicação de ideias, aos processos de maturação, etc. O Instituto não pôde acompanhar o mesmo ritmo. É preciso que ele se encontre com o Capítulo, à custa de um esforço profundo, paciente e perseverante, até à assimilação do espírito e das directivas do Capítulo. Isto não se fará sem uma tensão interior que é normal e sã. Temos que passar uma fase de purificação, marcada pelo sofrimento. Mas este sofrimento nos ajudará a encontrar a resposta à renovação espiritual e pessoal que deve transparecer na nossa vida, sob os diversos aspectos espiritual, comunitário e apostólico.

Unidas neste espírito de renova

ção espiritual e de adesão pessoal a Cristo, que nos "amou até ao fim" (Jn. 13,1), renovaremos, como de costume, a nossa consagração ao Sagrado Coração de Jesus no dia da sua festa.

Com a certeza das minhas orações, sou toda de todas em Cristo.

Marguerite Marie R.S.C.M.
Superiora Geral

NATUREZA E ESPÍRITO DO INSTITUTO

NATUREZA E ESPÍRITO DO INSTITUTO

Êste estudo sôbre a natureza e o espírito do Instituto apresenta juntos os dois aspectos de uma só realidade vital: nossa participação na missão do Cristo, segundo o carisma do Padre Gailhac. Bem no âmago de nossa renovação pessoal e comunitária, é destinado à meditação individual, bem como ao estudo comunitário.

A PARTICIPAÇÃO DAS RELIGIOSAS DO SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA NA MISSÃO DO CRISTO

1 - Como Religiosas do Sagrado Coração de Maria, partilhamos da visão de fé que inspirou o Padre Gailhac a dedicar-se totalmente e sem descanso aos outros, a empreender diversas obras e a criar um instituto capaz de tornar o Cristo presente no mundo e de nêle continuar Sua missão. O princípio diretivo de nossa atividade no mundo atual é a consciência de sermos mulheres inteiramente consagradas a Deus, num instituto dedicado ao apostolado, mulheres chamadas a partilhar da vida e da missão do Cristo. Êle "nos escolheu para sermos a continuação de sua existência, para realizar a grande obra da redenção" (1), obra que devemos executar com o mesmo sentido de urgência, a mesma adaptação às exigências do momento, a mesma abertura de espírito, a mesma fé e confiança que caracterizaram nosso Fundador.

I

2 - O Cristo é o enviado do Pai, o Apóstolo por excelência, vindo entre os homens para que êles tenham vida. (Jo. 10, 10) No desejo de tudo reunir em Deus, o Cristo revelou o Pai; operou a redenção dos homens e instaurou o Reino. Tendo manifestado seu imenso amor em salvar os homens, o Cristo continua agindo no mundo para conduzi-los à Igreja e, por

ela, unir-Se-lhes estreitamente. (L.G. 48) O Padre Gailhac, fiel ao dom do Espírito, que lhe foi dado para o bem da Igreja e do mundo, formou uma comunidade destinada a participar dessa obra total de redenção. Estamos associadas a Jesus Cristo: sua missão é a nossa. (2)

3 - O Cristo se entregou para reconduzir os homens ao Pai e uni-los entre si. "Deus nos reconciliou com Êle pelo Cristo, e nos confiou o ministério da reconciliação" (2 Cor. 5, 18). Não devemos ter outra preocupação que não seja a de anunciar ao mundo a Boa Nova - que o homem pode chegar ao Pai, pelo Cristo, na união do mesmo Espírito -. (cf. Eph. 2, 18) A santificação dos homens é o objeto que ocupa todos os nossos pensamentos, todo o nosso coração e todos os instantes de nossa vida. (3)

4 - Trabalhando para a reconciliação do homem com Deus, contribuimos ao mesmo tempo para a unificação da humanidade. "A união dos corações", realmente, "é o grande objetivo que Jesus se propôs em Sua missão." (4) Quanto mais a pessoa se une a Deus, mais também se aproxima de seus irmãos porque partilha o amor de Deus que tanto amou o mundo. (cf. Jo. 3, 16) Convencidas pela fé de que a humanidade é chamada à unidade divina, e sustentadas pela esperança de que nossos esforços podem apressar essa unidade, dom gratuito de Deus, devemos contribuir por todos os meios possíveis para promovê-la entre os homens. É por nós que "Jesus Cristo reune, de certo modo, seus membros dispersos... que os vivifica, que a êles Se une para que nÊle e por Êle a humanidade seja consumada na unidade."(5)

5 - A transformação do mundo faz parte integrante da missão do Cristo; tôda a criação geme à espera da redenção. (cf. Rm. 8, 19,23) "A nós compete trabalhar com Jesus Cristo para transformar o mundo. É nossa vocação, foi para êsse fim que Êle nos predestinou desde tôda a eternidade". (6) Encontramo-nos, de fato, engajadas num diálogo salvífico com

o mundo. Profundamente influenciadas por êle, deixamos, como todos os homens, nosso próprio sinete na criação, o que a liberta e a enobrece. Correspondemos assim à vocação humana primordial (cf. Gn. 1, 28) e preparamos o advento definitivo do Reino de unidade.

II

6 - Quem participa da missão do Cristo no seio do Instituto deve penetrar-se do espírito de Jesus Cristo. (7) Ora, a fôrça-motriz dessa missão de testemunho, de reconciliação e de transformação do mundo é só o amor - amor do Filho para com o Pai, amor de Deus para com os homens -. Jesus viveu para o Pai e em tudo só procurou Sua glória. Essa sêde da glória de Deus pela redenção dos homens provém de uma única fonte. O Fundador procura continuamente inspirar-nos para que demos a mesma unidade à nossa vida, fazendo do Cristo o centro de nossa existência. "Para realizar a obra de Jesus Cristo é preciso ou Jesus Cristo em pessoa, ou almas que tenham o espírito, o coração de Jesus Cristo, que sejam um com Jesus Cristo".(8) É preciso, pois, que sejam imagens semelhantes, imagens vivas de Jesus Cristo. (9)

7 - Em tôda vida verdadeiramente centrada no Cristo, em tôda vida que é a continuação de Sua existência, a glória do Pai e a salvação do mundo, o amor de Deus e o amor dos homens são uma só coisa. A dedicação total de cada religiosa ao apostolado jorra dêsse amor pelo Cristo e da união com Êle. Seu amor intenso e pessoal para com Deus, que é o princípio de seu zêlo apostólico, une-a ao mesmo tempo àquelas que foram chamadas a participar da mesma visão para o bem da Igreja e da humanidade. É o próprio espírito de Jesus Cristo que caracteriza o Instituto e fundamenta sua unidade. "Assim se consuma o mistério da unidade, crendo e levando uma vida como a de Jesus Cristo". (10)

8 - Como tornar-se semelhante a Jesus Cristo? como vi-

ver de seu espírito, princípio da unidade que buscamos? "É preciso conhecer Jesus Cristo, segundo a palavra de São Paulo. Conhecer Jesus Cristo, não é sòmente tê-lO na memória, na imaginação, é tê-Lo no coração, é amá-lO." (11) Devemos sempre estudar e praticar as lições do Evangelho, os exemplos de Nosso Senhor Jesus Cristo e de Sua Santa Mãe" , cooperadora de Seu Filho na obra da redenção. (12) Só há um fundamento que permanece: Jesus Cristo e Sua palavra." (13) De fato, "a fôrça e o poder que emanam da palavra de Deus são tão grandes, que constituem para a Igreja seu ponto de apôio e seu vigor; para os filhos da Igreja, a fôrça de sua fé, o alimento de sua alma, a fonte pura e permanente de sua vida espiritual." (D.V. 21)

9 - É com a condição de ter cada dia entre as mãos a Sagrada Escritura para retirar de sua leitura e de sua meditação "a eminente ciência de Jesus Cristo" (Ph. 3, 8; P.C. 6) que poderemos fazer penetrar a fundo seu espírito em nós, revestir-nos dêle, decifrar claramente e em plenitude Sua mensagem no livro da vida humana. Por encontros frequentes com o Cristo nas Escrituras e por um contato vivo com Êle na Liturgia e sobretudo na Eucaristia, aprofundamos nossa adesão ao Verbo Encarnado e nossa fidelidade a Seus caminhos. Nossa fé não é, então, uma abstração; nós a vivemos. É ela que nos convence da realidade de Deus e de sua presença entre nós; é ela que encara a unidade dos homens, sempre ameaçada e sempre envolta em sombras, como um fim já conquistado pela cruz do Cristo, mas precisando da história para atingir sua expansão. A fé nos faz crer que o acabamento perfeito do mundo, preparado por nosso trabalho, realizar-se-á um dia, pela ação da graça de Deus. É ela que sustenta nossa dedicação total a essas tarefas que não estarão jamais terminadas, enquanto durar esta face do mundo. É ainda a fé que nos torna cada vez mais semelhantes a Cristo para que nossa vida possa sempre confirmar nossas palavras e ser, ela mesma, santificadora. Quanto mais profunda fôr nossa união com

Cristo, mais rica será a vida da Igreja e mais fecundo o nosso apostolado (P.C. 1) Unidas ìntimamente ao Cristo que tornou sensível a santidade de Deus, (14) e associadas à sua missão, nós O tornamos visível, nas circunstâncias atuais. Esta é a tarefa que cabe a cada religiosa, a cada uma de nossas comunidades, a todo o Instituto.

10- O amor que devemos ter para com Deus pressupõe esta fé profunda. É, de fato, "a base e o fundamento de todos os outros meios que nos podem obter a união com Jesus Cristo." (15) Nossa adesão a Cristo pela fé e nosso total engajamento na Sua missão fazem do zêlo o caráter distintivo de nosso Instituto. "Viver para Deus, para o bem das almas; o zêlo, em uma palavra, deve ser tôda nossa vida."(16) Fé, amor e zêlo se confundem para formar um só espírito - o espírito de Jesus Cristo.

11- A ação apostólica pertencendo à própria natureza do Instituto, êsse zêlo deve informar e regular tôda a nossa vida. "Vosso Instituto tendo sido criado para as obras de zêlo, é um dever o acomodar-se às suas exigências." (17) Nossa vida de comunidade é em função do apostolado. Nossa oração é essencialmente apostólica. Nossa penitência vem sobretudo do dom total de nós mesmas a Deus e de nossa disponibilidade para o serviço dos outros. Os próprios votos encerram o zêlo e a dedicação apostólica.

12- Pela castidade, em vista do Reino, consagramo-nos totalmente a Deus, em seguimento do Cristo que se entregou para reconduzir o mundo à unidade divina. Êsse dom da graça nos liberta o coração para que possamos dar-nos completamente ao amor de Deus e dos homens. A castidade consagrada dá testemunho aos homens de uma outra vida além da que conhecemos na Terra. (P.C. 12)

13- O despojamento de nós mesmas pela pobreza nos torna mais semelhantes a Jesus Cristo e mais dadas aos outros. Tendo sòmente o necessário para fazer as

obras para as quais Deus nos chama, devemos esforçar-nos por dar um testemunho coletivo de pobreza. É preciso saber fazer sacrifícios e impor-nos livremente privações para ajudar os pobres. (19)

14- A obediência reflete muito particularmente a orientação apostólica de nossa vida. (20) Dando-nos inteiramente a Deus para fazer Sua vontade, é a Êle, em primeiro lugar, que somos obedientes. Nunca deixamos de nos preocupar em descobrir Seus caminhos. Para saber o que Êle quer do Instituto, olhamos o Cristo e a lei de amor que nos traçou no Santo Evangelho. (21) "Dei-vos o exemplo para que façais como fiz para convosco." (Jo. 13, 15) Aí vemos que a vontade de Deus é que nos demos aos outros e que O busquemos nêles. "Senhor, quando te vimos faminto ou sedento, estrangeiro ou nú, doente ou prisioneiro... em verdade vos digo, na medida em que o fizestes a um dos menores dos meus irmãos, foi a Mim que o fizestes." (Mt. 25, 37-44) Ao ouvir Sua palavra, procuramos, num esfôrço comunitário, escutar e responder ao Seu apêlo, que nos vem pela voz dos homens.

15- Nesse esfôrço para obedecer à Sua palavra, tentamos discernir os desígnios de Deus, aprofundando nossa fidelidade ao espírito do Fundador e escutando a Igreja. Animada pelo Espírito Santo, a Igreja reconheceu na visão de nosso Fundador a presença e a ação dêste mesmo Espírito; é ela que, em nome e com a autoridade do Cristo, nos dá o mandato de seguir o caminho traçado pelo Padre Gailhac. Por nossa obediência ativa e responsável ao Espírito e à Igreja, colocamo-nos inteiramente à disposição do Cristo para ir aonde Êle nos envia a fim de cumprir a missão confiada ao Instituto.

III

16- Se bem que os Apóstolos tenham sido enviados a tôdas as nações, é evidente que o cristão não pode estar presente em tôda parte. O próprio Cristo ,

fazendo-se homem, limitou sua atividade a um certo momento da história, a um certo lugar geográfico. Sua missão, no entanto, não deixou de ser universal; prolonga-se e encontra sua plena expansão na vida e na atividade da Igreja. Enviando o Espírito Santo, Deus lhe deu seu impulso. Sob a moção dêsse Espírito, homens e mulheres fundaram comunidades religiosas que O tornam visível em todos os ambientes, por uma ou outra atividade, segundo os desejos de Deus e as necessidades do mundo.

17- Vendo os horizontes ilimitados da missão de Cristo, o Padre Gailhac quis responder por um meio cujos efeitos são "os mais certos, os mais estensos e os mais duradouros." (22) A Igreja reconheceu a validez e o aspecto carismático dêsse desejo, confiando a nosso Instituto um campo de trabalho determinado.

18- O meio que está a nosso serviço para testemunhar a presença de Deus, para reconciliar os homens e para transformar o mundo é a educação. Segundo o carisma de nosso Fundador, nossa obra educacional se estende a tôdas as pessoas que dela têm necessidade, sobretudo aos mais abandonados, que serão, frequentemente, os mais pobres. (23) Dedicamo-nos de maneira especial aos jovens que são a esperança da Igreja, reconhecendo que "a infância segue na velhice o caminho trilhado na juventude." (24) Nosso serviço se estende também aos adultos, aos pais de nossos alunos, a quem auxiliamos no cumprimento de seu dever, assim como a todos aquêles com quem mantemos relações. (25) Consideramos, como uma exigência de nossa vocação, sensibilizar a consciência social de todos, despertando-os para seu dever de promover a justiça e a paz no mundo. (26) Atentas aos sinais de nosso tempo como o foi o Padre Gailhac aos do seu, procuramos localizar onde o apêlo de Deus se faz ouvir, hoje, na Igreja.

19- Como Religiosas do Sagrado Coração de Maria, somos chamadas a continuar a Obra do Mestre por excelência, que formou seus apóstolos e salvou o mundo.

Movidas pelo zêlo fundado num conhecimento e amor íntimos do Cristo, estamos prontas a servir, onde Deus nos chama. Essa obediência, comprometendo todo o nosso ser e fundada numa disponibilidade radical ao Espírito, levar-nos-á a abraçar uma vida de peregrino, uma vida de adaptação contínua. "O homem é essencialmente viajor... Deve caminhar, sempre caminhar." (27) Se nosso Instituto "deve sofrer tudo o que a Igreja sofre e passar por tôdas as tribulações pelas quais ela passará até o fim dos tempos," (28) não é de surpreender que nos tornemos sempre mais conscientes de nossa vida peregrina, no momento em que a própria Igreja se vê mais claramente como viandante. Sempre em resposta ao apêlo divino que nos vem num certo instante da história, através de certas circunstâncias concretas, devemos estar prontas a obedecer ao chamado de partida para um país apenas vislumbrado pela fé. (cf. Hb. 11) Essa resposta de fé se manifesta pela simplicidade, o desprendimento, a humildade: simplicidade de vistas, que conserva sempre diante dos olhos o fim a atingir, se bem que o caminho que a êle conduz seja obscuro; desprendimento completo, que nos permite deixar nossa situação atual por horizontes desconhecidos; humildade profunda, que admite sermos pobres viajores, incapazes, por nós mesmos, de chegar ao fim e sempre em busca do Caminho que a êle conduz. É assim que, fazendo de Jesus Cristo nosso centro, e penetrando-nos de Seu espírito, preparamos o dia em que a humanidade será consumada na unidade divina e em que o homem se transformará no Homem perfeito.

-*-*-*-

SUPLEMENTO

NOTAS

Abreviaturas: CS - Cartas às superioras
CC - Cartas às comunidades
VR - Vida religiosa, nova edição

1 - CC 14 janeiro, 1866

2 - VR p. 304

3 - VR p. 303
Para exprimir a realidade da reconciliação dos homens, o P.Gailhac emprega o termo "santificação das almas" ou "salvação das almas". Em nossos dias em consequência de uma nova tomada de consciencia da unidade do homem, falar-se-ia antes da pessoa.

4 - Considerações práticas acrescentadas às Constituições em 1864; Arquivos Históricos, Tomo II B'

5 - Escritos, Tomo 5, p. 1344

6 - CC, 31 março, 1886

7 - O P.Gailhac repete muitas vezes essa idéia. Ver por exemplo: "Se compreendeis bem vossa vocação, o espírito de Jesus Cristo com todos seus matizes deve estar em cada uma de Vós. (CC 1 janeiro 1881)

8 - VR p. 305

9 - O P.Gailhac retoma muitas vezes êsse tema paulino.. Ver, por exemplo, CC 16/1/1879; CC 15/4/1879; CC - 27/4/1881

10- VR p. 187

11- CS, 2/7/1877

12- Constituições de 1870. Esta frase foi suprimida - mais tarde a pedido da Santa Sé.
O P.Gailhac gosta de nos apresentar a Santíssima - Virgem como modêlo de nossa união com Cristo e cooperadora em sua missão

13- CS, 16/8/1881

14- CS, 30/11/1874

15- Escritos, Tomo I, p. 265

16- VR p. 140

17- CC, 7/4/1877

18- VR p. 45. Ver também p. 295

19- VR p. 32; Avisos e recomendações, 1884

20- Quando a Santa Sé pediu em 1870 que nosso quarto voto de "abraçar as obras de zêlo" fôsse suprimido o Fundador fê-lo entrar na substância mesma do voto de obediência. Assim, lemos na fórmula dos votos em 1873, "faço voto e prometo a Deus Pobreza, Castidade e Obediência pela qual comprometo-me a abraçar tôdas as obras de zêlo que ela me prescrever e em tôda nação".

21- Tratado sôbre a obediência, 16/8/1880. Êste parágrafo e o seguinte são baseados em grande parte sôbre êsse tratado.

22-Constituições 258

23- VR p. 301; Avisos e recomendações, 1884

24- Escritos, Tomo 9, p. 2882. Cf. Proverbios 22.6

25- Ver Realizações Apostólicas do Instituto; Comissão das Fontes, fevereiro 1968

26- CS 16/7/1877; VR p. 304; Avisos e recomendações, 1884

27- Escritos, Tomo 5, p. 1322

28- CC 8/2/1883

GOVERNO

G O V Ê R N O

Fundamentos teológicos

1 - Em seu amor eterno, Deus criou o mundo e, (nêle), o homem, a quem o confiou para que o governe e o faça dar-lhe glória. Só na aceitação da autoridade de Deus, que é amor, sabedoria e fôrça é que o homem encontrará sua felicidade e sua salvação. Deus Pai enviou seu Filho para salvar todos os homens e entregou-lhe tôda a autoridade na Terra e no Céu.

2 - A Igreja, Povo de Deus em marcha, é herdeira e continuadora da missão do Cristo: participa, assim, de sua autoridade para restaurar tôdas as coisas nÊle. De modo especial essa autoridade foi confiada à Igreja por intermédio dos Apóstolos e seus sucessores, cuja tarefa é de dirigir e de velar sôbre o Povo de Deus.

3 - Uma comunidade religiosa é chamada a participar mais íntimamente da missão do Cristo. Nela, uma autoridade se impõe, delegada pela Igreja às pessoas que são escolhidas para dirigir a comunidade, em sua vida apostólica e no cumprimento de sua função no seio da Igreja. Essa autoridade torna mais sensível a autoridade divina, ajudando cada um dos membros na busca e no exercício de sua missão pessoal na Igreja.

Exercício da autoridade no Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria

4 - Nascida de uma inspiração do Espírito, a Congregação das Religiosas do Sagrado Coração de Maria - instituto apostólico aprovado pela Igreja continua sob sua direção, a missão do Fundador, seguindo o apêlo da Igreja, adaptando-se às necessidades do presente. A exemplo da Igreja do Vaticano II, o Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Ma-

ria deve apresentar uma imagem renovada da autoridade e da obediência.

5 - Pelo Concílio, a Igreja trouxe à luz a maneira pela qual as superioras devem exercer a autoridade, segundo o Evangelho. "O Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida..." (Mt. 20, 28) A autoridade religiosa, a exemplo do Cristo, que é o Servo do Pai, é, sobretudo, um serviço. A superiora deve ser a primeira a obedecer à vontade do Pai. A serviço do conjunto, coordena, anima e dirige as aspirações e os esforços de cada religiosa para que possam chegar à realização total do sim que tôdas e cada uma disseram ao Senhor.

6 - Efetivamente, as que exercem a autoridade devem lembrar-se de que o Espírito se manifesta na comunidade - de batizadas e consagradas - e que devem ouvi-lO e respeitá-lO em cada um de seus membros. Por sua vez, êstes estarão sempre unidos à autoridade, na fé, no amor e na obediência responsável.

7 - O diálogo é um elemento essencial do exercício evangélico da autoridade. Êle exige na superiora a virtude da prudência, que a ajudará a descobrir, com a religiosa, a maneira peculiar pela qual deverá viver integralmente sua vocação, conciliando os dois aspectos do apêlo do Senhor, apêlo a viver o ideal comum em uma comunidade para nela desempenhar uma tarefa apostólica, e apêlo à sua vocação pessoal. O penhor de uma coesão viva no seio da vida religiosa, no dizer do Vaticano II, é o diálogo frequente, sereno e corajoso entre os membros da comunidade. (P.C. 14) Fiéis ao espírito de serviço e ao diálogo, as superioras devem respeitar a dignidade pessoal das irmãs "tornando manifesto o amor que o Senhor tem por elas". (P.C. 14) O Fundador lembra à superiora que, em suas relações com uma irmã, deve ouvi-la com bondade, interêsse; tranquilizá-la, animá-la, "sem jamais dizer uma palavra que lhe fira a alma". (carta-circular às superioras - 30/1/1872)

Princípios do Govêrno

9 - Em vista de um govêrno mais dinâmico e de um apostolado mais vasto, três princípios devem ser aplicados - descentralização, corresponsabilidade e solidariedade.

10- Para um bom govêrno a descentralização é necessária. Esta se fará por uma delegação mais ampla da autoridade nos níveis provincial e local. O que pode ser resolvido em um nível não deve sê-lo no nivel superior, a não ser que o bem comum o exija. As comunicações livres, completas e contínuas, e o diálogo frequente são essenciais à descentralização. Cada nível de govêrno deve ser informado das decisões tomadas em outro nível. As comunicações frequentes terão um auxílio eficaz para desenvolver a união do Instituto, no cumprimento de sua missão, dentro da linha que lhe é própria. A descentralização conduz, necessàriamente, à diversidade no Instituto. Essa diversidade é desejável, na medida em que responde às necessidades do apostolado, à cultura e às condições sociais e econômicas dos diferentes países. (P.C. 3) A unidade na diversidade será mantida pela direção unificadora do govêrno central, que estimulará, na prática, a realização dos princípios de corresponsabilidade e solidariedade.

11- Obediência e autoridade são melhor compreendidas graças ao princípio de corresponsabilidade, pelo qual superioras e irmãs buscam juntas a realização do bem comum. As superioras e as irmãs são responsáveis, umas para com as outras, pelo desenvolvimento e a preservação do espírito e das obras do Instituto. Por conseguinte, o diálogo é essencial ao princípio de corresponsabilidade. Êsse diálogo exige uma atitude de atenção, respeito e abertura, por parte de cada uma. Para se chegar à melhor solução, deve haver um esfôrço no sentido de libertar-se de todo preconceito e deixar agir o Espírito que habita em cada irmã. É assim que a livre

troca de idéias e a franqueza em expressar as opiniões, o que deve existir em todos os níveis e em todos os sentidos, favorecerão a corresponsabilidade.

12- O sentido da solidariedade e o crescimento de uma comunidade autêntica são muito necessários ao bem-estar espiritual e temporal do Instituto. Nosso mundo de hoje tem uma consciência muito viva de sua unidade crescente e do fato de serem os homens interdependentes. A Igreja se alegra por êste espírito de verdadeira fraternidade decorrente de uma comunidade de interêsses, de ideais, de objetivos e de responsabilidades. (G.S. 4, 48) Na diversidade de pessoas, de nações e de obras que existe no Instituto, a cooperação, a harmonia e a verdadeira unanimidade contribuirão para a solidariedade fomentada e consumada na obra de Jesus Cristo. (G.S. 32) As comunicações, no mais amplo sentido do têrmo, são essenciais ao cumprimento da solidariedade. Para que tôdas as religiosas estejam constantemente a par da vida e das obras do Instituto, as comunicações devem ser, tanto quanto possível, completas, dinâmicas, exatas, objetivas, provindas de todos os níveis e orientadas a todos os níveis. O estabelecimento de centros de comunicações é de uma importância capital, e tôdas as religiosas devem dar lhes sua colaboração.

Responsabilidade das superioras

13- As superioras e os membros de uma comunidade se matêm unidas, diante de Deus, no desejo comum de se oferecer ao Cristo e, pelo Cristo, à vontade do Pai. Sua obediência é uma resposta amorosa e fiel ao amor de Deus e êste amor as torna livres. A superiora "deve exercer sua autoridade num espírito de serviço para com suas irmãs, tornando manifesto o amor que o Senhor tem por elas." (P. C. 14)

14- Para atingir êste fim, a superiora deve ser dócil ao Espírito. Esta docilidade lhe permitirá ser

aberta às outras, à Palavra de Deus, e a tomar consciência dos desígnios de Deus, nos acontecimentos ordinários de sua Providência, e nos sinais dos tempos. Ciente de que não é a única a procurar a Vontade de Deus, consciente de que o Espírito fala também pela comunidade, buscará no diálogo com suas irmãs as luzes que a ajudarão a tomar as decisões finais. Quando a autoridade se exerce como um ato de amor, deve necessàriamente favorecer o desenvolvimento de uma responsabilidade alegre e estimular os progressos na partilha das responsabilidades.

Função da Superiora Geral

15- À superiora geral compete inspirar, unificar e dirigir a Congregação. Exerce o poder executivo no Instituto, no nível mais elevado.

16- Em sua função de líder inspiradora do Instituto, ajuda-o a responder às necessidades que surgem na Igreja e no mundo, segundo o carisma do Fundador. Procura desenvolver a unidade e a solidariedade no seio do Instituto, num clima de serviço, de diálogo e de confiança mútua, por encontros periódicos com as superioras provinciais, por visitas e comunicações frequentes.

Função das Assistentes Gerais

17- A superiora geral partilha a responsabilidade do govêrno do Instituto com as assistentes gerais. São suas auxiliares e conselheiras. Formam com ela o Conselho Geral.

18- As assistentes gerais dão sua opinião sôbre os negócios de todo o Instituto, bem como sôbre os assuntos que dizem respeito às diferentes regiões do Instituto, e desempenham uma tarefa funcional assinalada pela superiora geral.

Função das Superioras Provinciais (Isto se aplica igualmente às vice-provinciais e regionais)

19- As superioras provinciais participam da responsabilidade do govêrno do Instituto, tendo autoridade para governar sua província, de acôrdo com o espírito das normas do Instituto. São as animadoras espirituais, apostólicas e intelectuais da província.

20- Para cumprir essas tarefas deveriam:

1. reunir frequentemente as superioras locais para promover uma colaboração estreita entre tôdas as irmãs da província;

2. visitar as comunidades para nelas animar a vida religiosa, e ajudar as irmãs na renovação recomendada pelo Concílio;

3. dar a cada irmã a oportunidade de falar-lhes;

4. estimular o desenvolvimento doutrinal, intelectual, humano e profissional das irmãs e ativar-lhes o zêlo apostólico;

5. velar pelas necessidades de ordem espiritual, educacional e material da província e das irmãs;

6. comunicar-se com as superioras provinciais, vice-provinciais e regionais, sobretudo no mesmo país.

Função das Superioras Locais

21- A superiora local é responsável, com as irmãs da comunidade, pela criação de um ambiente favorável à plena expansão da pessoa consagrada, em sua vida espiritual, intelectual, afetiva e apostólica.

22- Uma vez que o desenvolvimento pessoal varia com os indivíduos, a superiora local deve ser sensível a essas variações e às necessidades de cada irmã, fortificando e animando cada uma em sua contribuição para a caridade mútua, que é o fundamento da comunidade. Deve também promover o crescimento da comu

nidade com amor, paciência e prudência, sabendo utilizar o estímulo e a correção fraterna.

Responsabilidade das que vivem em comunidade

93- Em nossos dias, a religiosa, membro de uma comunidade, sente com uma fôrça especial a tensão que existe entre liberdade e responsabilidade. Entretanto, se a liberdade está enraigada no Cristo, a responsabilidade se desenvolve sob a influência do Espírito, a serviço do Cristo. (cf. Eph. 1)

94- O cristão, fazendo parte da sociedade fundada pelo Cristo e estabelecida sôbre Êle, deveria dar uma dimensão excepcional ao valor da liberdade. O apêlo cristão à liberdade é, fundamentalmente, um apêlo à comunidade, um convite a deixar o isolamento e o individualismo para se fazer presente aos outros, um impulso para o serviço dos outros, ao preço da imolação de si próprio: na proporção em que aceitar essa imolação de si é que o cristão encontrará seu desabrochamento num amor verdadeiro.

95- A irmã, como cristã que escolhe responder intensamente a essa liberdade, escolhe fazê-lo no contexto de um grupo totalmente engajado no serviço da Igreja. Portanto, escolhe desenvolver suas potencialidades enquanto pessoa, fazendo parte de um todo e compreende que sua personalidade só desabrochará plenamente, na medida em que viver sua vocação no seio de sua comunidade religiosa. A liberdade, pois, não é irrestrita; deve ser guiada por um princípio de amor que abraça tudo - colaboração, dom de si e submissão, em vista de atingir o fim comum que Deus assinalou à comunidade.

96- Quem assim procura a vontade de Deus com outras que estão animadas pelos mesmos motivos, assegura sua sinceridade e sua autenticidade, cumprindo essa vontade divina com o apôio e o amor mútuos das outras religiosas. Assim, pois, a autoridade verdadeira encontra sua expressão nas ações conscientes da

que governa e das que são governadas. Para a irm
que vive em uma comunidade religiosa, isso implic
ria:

1. Grande atenção a tudo o que diz respeito ao a-
mor mútuo; não sòmente desculpar ou suportar a
fraquezas ou limitações da outra, mas trabalh
por sustentá-la a fim de que a Obra do Cristo
prospere.

2. O desejo de estimular os esforços das outras -
moral, espiritual e materialmente -, e de rec
ber dos outros tudo o que nos ajuda a progred
e a contribuir para a Obra do Cristo.

3. Participação ativa em tudo o que favorece a v
da de comunidade, e colaboração nas tarefas,
muitas vêzes onerosas e arduas que ela implic

4. A confiança recíproca que se entretém pelo di
logo constante e as trocas de idéias; pois, s
acreditamos no Cristo, devemos ter confiança
mas nas outras, sendo tôdas membros do Cristo.

5. Relações baseadas no amor, na confiança, na fra
queza para com a superiora, na unificação e n
coordenação da vida e do trabalho da comunida
de.

27- Em resumo, pede-se a quem escolheu viver numa com
nidade religiosa que se sinta responsável por sua
próprias ações e por tudo o que puder contribuir
para o seu desenvolvimento espiritual, intelectual
e cultural. Espera-se dela que seja responsável
também perante a comunidade, animada por um espíri
to de serviço e de cooperação, de lealdade e unid
de, aberta às outras e desejosa de encorajá-las.
Responsável, igualmente, perante a província e o
Instituto, tomando parte em seus trabalhos de ma-
neira ativa e positiva, numa constante disponibili
dade. Esta será uma verdadeira discípula de Cristo.

28- <u>Recomendações</u>

1. A fim de fomentar o espírito das orientações do Capítulo Geral e facilitar sua interpretação, tôdas as diretivas aprovadas substituirão os artigos e os capítulos das Constituições, assim como outras diretivas suplementares já existentes e que lhe sejam correlatas.

Em nível do Generalato

2. A duração do cargo de superiora geral deverá ser de seis anos com possibilidade de reeleição por outros seis anos.

3. A superiora geral fará suas visitas no Instituto da maneira que julgar conveniente e com a frequência que considerar necessária.

4. O Capítulo Geral autoriza a superiora geral e seu Conselho a utilizar todos os meios, mesmo os que ultrapassam as atuais Constituições, para adaptar o govêrno central, e para auxiliar a supeirora geral no que fôr julgado necessário.

5. Em preparação à próxima sessão do Capítulo, que seja feito um estudo sôbre o govêrno central do Instituto, dando uma atenção especial à função das assistentes, seu número, maneira de elegê-las, etc.

Em nível provincial

6. O Capítulo autoriza as superioras provinciais a pôr em prática o princípio de descentralização e a responder às necessidades de sua província pela adaptação e experiências necessárias, segundo as normas estabelecidas pelo Capílo.

7. Para assegurar a colaboração e a corresponsabilidade, é insistentemente recomendado que as superioras provinciais ampliem o seu Conselho

(acrescentado membros que não sejam superiora
e aproveitem da experiência das comissões d
conselho, das comissões consultivas, etc (qu
podem também compreender membros leigos).

8. As superioras provinciais deverão ser propos-
tas pelas irmãs da província e nomeadas pela
periora geral, diante de quem são responsávei

9. Julgou-se necessário mais colaboração e coope
ração entre as províncias, vice-províncias e r
giões, e no interior de cada uma, sobretudo

a) quando há relações entre pessoal e finança

b) quando existe mais de uma província, etc,
num mesmo país.

31- Em nível local

10. O Capítulo autoriza as superioras locais, sob
direção da superiora provincial, a pôr em prá
tica o princípio de descentralização para ate
der às necessidades de sua casa.

11. Para assegurar a colaboração e a corresponsabi
lidade, as superioras locais, segundo as nece
sidades de sua casa e as normas estabelecidas
pelo decreto Perfectae Caritatis, deverão em-
pregar todos os meios para utilizarem-se do co
curso de assistentes, conselhos locais ou co-
missões de conselho.

12. As superioras locais e as diretoras de forma-
ção deverão ser propostas pelas irmãs da pro-
víncia e nomeadas, depois de consulta à superi
ora geral, pela superiora provincial com seu
conselho, diante de quem são responsáveis.

32- De ordem geral

13. A sessão de março a maio de 1968 é a primeira
das duas sessões do Capítulo Geral extraordiná

rio.

14. É recomendado que a superiora use o título que melhor convier à sua função de serviço. O título pode mudar, conforme os países.

15. Na medida do possível, uma irmã deverá receber sua nomeação para o cargo de superiora provincial, superiora local ou outro qualquer cargo, com tempo suficiente para bem preparar-se para exercê-lo.

16. Uma superiora (ou mestra de formação) pode ser nomeada por um período de três anos com a possibilidade de ser outra vez nomeada para um segundo triênio. Depois de ter exercido o cargo de superiora (ou mestra de formação) durante seis anos consecutivos, no máximo, uma irmã não deverá ser nomeada para o mesmo ofício, no espaço de, pelo menos, um ano.

17. Que seja feito, imediatamente, um estudo sôbre a estrutura e a formação das províncias, das vice-províncias e das regiões; que seja dada uma atenção especial às vice-províncias e regiões já existentes.

18. A quantia que cada província deve enviar à Casa Generalícia, que seja determinada de acôrdo com a superiora provincial.

19. Que a ecônoma provincial envie todos os anos à Casa Generalícia um relatório financeiro, completo, de cada casa da província. Depois de ter estudado êsses relatórios, a ecônoma geral dará um relatório preciso da situação financeira de cada província à superiora geral e a seu conselho.

DECLARAÇÃO SÔBRE AS EXPERIÊNCIAS

33- Para responder ao apêlo claro e sem equívoco da Igreja, assim como às idéias e às sugestões obtidas graças aos esforços de todos os membros de nosso Instituto, êste Capítulo Geral aceita a responsabilidade que lhe foi confiada pelo Vaticano II: de procurar "desenvolver essa vitalidade espiritual e apostólica" que tem sua fonte em cada religiosa e deve impregnar tôda a Congregação.

34- Para ser viável, qualquer renovação deve voltar, constantemente, ao carisma original e permanente do Fundador, que nos foi transmitido e deve ser readaptado aos sinais dos tempos, à luz dos documentos conciliares. Isto pode implicar a incerteza, a necessidade de deixar o conformismo e a uniformidade, para trabalhar em conjunto para a unidade na diversidade e para a diversidade na unidade; êsse dom autêntico de nós mesmas contribuirá efetivamente para a edificação do Corpo do Cristo em nossa comunidade de Religiosas do Sagrado Coração de Maria e, por ela, no mundo contemporâneo.

35- Adaptação e experiências prudentes são necessárias e desejáveis nos campos indicados pelas normas gerais dos documentos conciliares: a maneira de viver, de trabalhar e de rezar, a expressão e a manifestação da pobreza, o modo de governar. (P.C. 3, 13; E.S. 11, 38) Os documentos conciliares autorizam o Capítulo Geral extraordinário a estabelecer normas e restrições nesses campos e a aprovar um período de experiências. Êsse direito é concedido à superiora geral e a seu conselho, no intervalo entre êsses capítulos. (E.S. 7)

36- A adaptação é um processo contínuo de mudanças para responder às necessidades da comunidade, do apostolado e da Igreja. As adaptações são acomodações necessárias a um meio em evolução. Ao contrário, as experiências não são nem adaptação nem ca-

minho para adaptação. São simples ensaios de meios diversos para responder às verdadeiras necessidades, para descobrir os que serão mais capazes de enriquecer a vida religiosa, de melhorar a vida de comunidade e de tornar nossos trabalhos apostólicos mais eficazes. Tôda experiência acarreta o risco que deve ser aceito, numa verdadeira busca da verdade. Consequentemente, as que participam de experiências devem estar prontas a enfrentar tanto o insucesso como o sucesso, os resultados negativos como os positivos. O objetivo sendo sempre descobrir verdades que serão de grande importância para o futuro, deveríamos abordar as experiências com uma atitude pessoal de abertura ao Espírito Santo e às outras irmãs, e uma vontade de aceitar a adaptação e as experiências para estender o Reino neste mundo.

97- As experiências representam um esfôrço que deve ser feito em colaboração e realização num espírito de confiança mútua e de diálogo. Por nossa participação na Pastoral de Conjunto, essas experiências podem estender-se além de nossa comunidade de Religiosas do Sagrado Coração de Maria para responder a uma necessidade da Igreja, expressa pelos bispos. Em tôdas as circunstâncias, as experiências no Instituto devem ser sempre autorizadas pela superiora competente; mais comumente sê-lo-á pela superiora provincial, segundo as normas do Capítulo. Para auxiliar a superiora provincial em suas decisões, são propostas as seguintes linhas de conduta:

A. Uma comissão ou um grupo de revisão e de avaliação deve estabelecer-se, tendo como membro "ex-officio" a superiora provincial.

B. Os planos das experiências devem ser submetidos a essa comissão e devem abranger o seguinte:

   1. Apresentação da necessidade exigindo uma resposta, ou do problema a estudar.

   2. Razões que justifiquem a experiência, acompanhadas de tôdas as informações úteis.

3. Um plano da execução;

a. Data do início da experiência

b. Grupo que faz a experiência - número de i
mãs, responsabilidades, finanças, etc.

c. Processo de avaliação

d. Relatórios sôbre a marcha da experiência
que devem ser apresentados à comissão ava
liadora em intervalos regulares.

e. Data do fim da experiência. Será então, n
momento, entregue à comissão avaliadora u
relatório final.

C. A comissão de revisão e avaliação sugere à su
periora provincial: iniciar uma experiência;
rever uma experiência; fazer uma segunda tent
tiva; aumentar o número de pessoas que partic
pam de uma experiência; acabar com uma experi
ência; recomendar que uma experiência seja a
ceita como adaptação.

38- A adaptação pode ser determinada em nível do gene
ralato ou em nível provincial, segundo a natureza
da experiência. Uma vez autorizadas as adaptaçõe
devem ser, conforme os casos, introduzidas ou pos
tas em prática através do Instituto ou da provín
cia, sob a orientação da superiora geral ou das s
perioras provinciais.

39- Para manter a unidade e a solidariedade no Instit
to, a superiora geral e seu conselho devem esta
inteiramente a par de tôda experiência empreendid
nas províncias. As informações sôbre as experiên
cias deveriam ser comunicadas às irmãs da provín—
cia que a realiza e, tanto quanto possível, tôdas
as irmãs do Instituto deveriam receber notícias. A
comunicações são essenciais para que as informaçõe
enviadas sôbre o assunto sejam vivas e eficazes,
para que a unidade e a diversidade sejam salvagua
dadas.

VIDA DE ORAÇÃO DAS RELIGIOSAS

DO SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA

1 - Escolhida por Cristo para continuar sua existência e sua missão de redenção, cada uma de nós foi chamada de uma maneira única a centrar sua vida sôbre o Cristo, a identificar-se com Êle. Êste apêlo, que o amor incansável de Deus nos dirige durante tôda a nossa vida, exige-nos uma resposta contínua. Cada dia o Espírito age em nós, impelindo-nos a responder ao apêlo na fé e no amor, a Êle abrirmo-nos sem reserva, a entrar em diálogo dizendo "Abba, Pai" (Gal. 4:6)

2 - De diversos modos o Cristo se nos apresenta na liturgia, nas nossas relações com os outros, nos acontecimentos. Através dêsses contatos pessoais unimo-nos mais estreitamente ao Senhor. Nosso contato com Êle exprime-se de uma maneira explícita e consciente na oração, êsse diálogo em que, escutando e falando, aprofundamos nossa relação com o Cristo e em que, pelo Espírito, nos inserimos no diálogo de amor entre o Pai e o Filho. É pela oração que se inicia, desenvolve-se e perpetua-se a união com Deus. Colaboramos na oração com o Espírito que procura identificar-nos com o Cristo, revestir-nos de seu espírito e de suas atitudes e a fazer-nos partilhar de seu amor salvífico pelos homens. Nosso amor por Deus completa-se necessàriamente num amor pelos homens a quem Deus tanto amou que entregou seu Filho para sua redenção. A oração e as obras apostólicas influenciam-se mùtuamente de tal modo que a ação brota da união com o Cristo e aprofunda nosso amor por Deus e pelos homens.

Caráter pessoal de nosso Diálogo com o Cristo

3 - No diálogo ao qual somos chamadas, Deus toma sempre a iniciativa. A fé do homem é uma resposta à Palavra que revela o Pai. Escutar é a atitude fundamental que devemos ter na oração. É escutando com

uma atenção amorosa que nos conservamos na presença dAquêle que nos chamou a seguí-lo por amor. Essa comunhão pessoal com o Cristo que nos faz conhecê-lo de uma maneira profunda é a fonte de nossa identificação com Êle, de nossa participação de sua missão. Aprendemos pela reflexão e contemplação a pensar como o Cristo, como Êle a amar com um verdadeiro amor. "É na oração que cresce a fé... e que se torna de alguma maneira intuição"[2], intuição que permite reconhecer Deus nas pessoas e nos acontecimentos da vida quotidiana, de ver o plano da salvação numa perspectiva justa, de distinguir entre a realidade e a ilusão. S.Paulo nos diz "Tende em Vós os mesmos sentimentos que foram os de Cristo Jesus" (Fi:2:5) e nosso Fundador está sempre lembrando essa exigência. A oração contemplativa ajuda a revestir-nos do espírito de Cristo.

4 - Escutamos, em primeiro lugar, na Sagrada Escritura, a palavra que "é uma fôrça vinda de Deus para a salvação de todo o que crê." (Rom. 1:16) É aí - no Antigo e Nôvo Testamento - que chegamos a um conhecimento pessoal e sempre mais profundo de Deus, que discernimos seus caminhos ha História para melhor conhecê-los na nossa vida. No Evangelho temos um testemunho autêntico da vida e do ensinamento de Cristo; vemo-lo aí em comunhão com seu Pai na oração, aprendemos sua maneira de reagir diante das pessoas e dos acontecimentos. É a Palavra que nos mostra como responder. No Nôvo Testamento descobrimos que revestir-nos do espírito de Jesus Cristo, é identificar-nos à sua Vontade de despojar-se por amor de seu Pai e pela salvação dos homens.

5 - No intenso e pessoal diálogo com Deus, desenvolvemos um amor que nos leva à doação dos outros; estabelece-se em nós um silêncio interior que nos torna sensíveis à Palavra que nos é dirigida na vida humana. No meio da atividade quotidiana êsse silêncio nos faz descobrir o apêlo de Deus nas alegrias, nas penas, nas esperanças e nas angustias de todos os homens, apêlo que exige uma resposta de amor.

4 - A experiência que nos vem através dos contatos humanos e de onde emana a oração é completada pela leitura da Sagrada Escritura ou por outras fontes autênticas da espiritualidade cristã. (P.C 6) Essa leitura é essencial à maturidade cristã e à nossa identificação com Cristo. É também uma preparação ao anúncio da boa nova por tôda parte aonde somos enviadas.

5 - Em vista dêsses princípios e reconhecendo a liberdade do Espírito que sopra onde quer, êste capítulo geral afirma:

1. As irmãs têm o direito de consagrar uma hora, diàriamente à oração - direito que deriva de sua consagração religiosa; responsabilidade que fortifica seu propósito quando êste se enfraquece, que torna mais evidente seu fim quando êle se obscurece. Elas são livres de fazer essa hora de oração em hora e lugar que favoreçam sua união com o Cristo e são estimuladas a passar uma parte do tempo em presença do Santíssimo Sacramento.

2. Devem as irmãs promover seu desenvolvimento religioso por uma leitura quotidiana da Bíblia ou de uma obra de espiritualidade cristã.

3. Reservem as irmãs, anualmente, uma semana para uma comunhão mais intensa e mais prolongada com Deus. Êsse retiro pode ser feito com o auxílio de um pregador qualificado ou pode, ocasionalmente, fazer-se em particular. Quando a Comunidade faz seu retiro em conjunto, êsse tempo será meio excelente de aprofundar a união fraterna.

<u>Natureza comunitária de nosso Diálogo com Deus.</u>

6 - "Como Deus não criou os homens para viverem isoladamente, mas formarem uma união social, assim também Lhe aprouve... santificar e salvar os homens não individualmente... Êle quis ao contrário constituí-los em um povo que o reconhecesse na verdade

e o servisse santamente" (G.S. 32) Êsse apêlo a v
ver em comunidade, fazendo parte integrante da ex
tência humana, é um apêlo ao desabrochamento pe
soal na liberdade - liberação do isolamento e do
goísmo. Na oração pessoal, procuramos penetrar ê
se mistério de unidade, mistério que se consu
crendo e levando uma vida conforme a de Jesus Cr
to.) Na oração comunitária damos expressão à nos
unidade e fortalecemos nossa solidariedade co
cristãs na Igreja e como Religiosas do Sagrado C
ração de Maria num Instituto votado ao apostolad
Decorrendo de nossa identificação com o Cristo
oração em "secreto" e na "assembléia" são duas e
pressões de uma mesma e única relação.

9 - A Santa liturgia e sobretudo a Eucaristia são, p
excelência, a expressão de nossa relação com o Cr
to. Devemos nela encontrar o centro de nossa vi
de fé, a fonte de nosso zêlo apostólico. É des
maneira que oramos com o Cristo glorioso que pr
longa seu louvor ao Pai e o dom total de si mes
pelos homens. Por nossa união com Cristo na litu
gia, participamos mais plenamente do mistério Pa
cal e como indivíduos e como comunidade partilha
de seu amor pelo Pai e pela humanidade. Responde
do a seu amor, comprometemo-nos a participar de s
missão de unificação da humanidade, de transform
ção do mundo e de testemunho de amor do Pai. "U
celebração sincera, plenamente vivida deve const
tuir-se da mesma forma em canal para as múltipla
obras de caridade e auxílio mútuo para a ação mi
sionária, como ainda para as várias formas de te
temunho cristão." (P.O.6)

10- Centro da vida apostólica da comunidade, a celeb
ção Eucarística é também fonte e manifestação
sua unidade. "Não se edifica no entanto nenhuma
munidade cristã se ela não tiver por raiz e cent
a celebração da Santíssima Eucaristia: por ela,
de iniciar-se por isso tôda educação do espírito
comunitário." (P.O 6) Nossa plena participação
banquete do sacrifício exprime e realiza a unida

à qual são chamados todos os homens no Cristo. "Para que todos sejam um, assim tu, Pai, estás em mim e eu em ti, para que também êles estejam em nós e o mundo creia que tu me enviaste." (Jo.17:21) Pela celebração da Eucaristia respondemos à Palavra que nos congrega, Palavra que se exprime na Escritura e na Eucaristia. Êste mistério de unidade deve estimular-nos sem cessar a unificar nossa vida pessoal, a fortificar nossa vida comunitária, a participar da missão de reconciliação com o Cristo,"Foi, sobretudo, para perpetuar essa união das almas que o Cristo instituiu a Sagrada Eucaristia, a fim de que todos os corações cristãos se unam nêle e por êle".[4] Partilhando do mesmo pão, tornamos mais fortes os laços que nos unem, damos pùblicamente o testemunho de uma vida de verdadeira caridade e contribuimos para a unidade de todos os homens em Cristo.

11- O CAPÍTULO, portanto, declara:

1. A oração principal da comunidade será a celebração quotidiana da Eucaristia. Cada comunidade procurará meios de assegurar a tôdas as irmãs uma participação plena, ativa e consciente no sacrifício da Eucaristia e lembrar-se-á de que a participação comunitária implica a comunhão de coração e de espírito tão bem quanto a união de vozes e gestos.

2. Somos estimuladas a participar da celebração Eucarística com outras pessoas, seja na paróquia, seja na capela da comunidade, já que nossas comunidades religiosas fazem parte da comunidade mais extensa da Igreja.

3. As irmãs, conscientes dos laços criados pela comunhão dos santos, lembrar-se-ão de suas irmãs, de seus parentes e benfeitores e de todos aquêles que lhes são caros, vivos e falecidos. Rezarão por êles e com êles sobretudo no sacrifício Eucarístico em que todos estão unidos.

4. Quando em cada comunidade chegar a notícia da

morte de uma de nossas irmãs, será aí celebrada uma missa por ela.

12- A celebração do memorial da morte, ressurreição e ascensão do Senhor deve prolongar-se na nossa vida. Êsse prolongamento do louvor que o Cristo oferece ao Pai exprime-se, sobretudo, na oração pública e oficial da Igreja. Em união com todos os cristãos e de uma maneira especial, votada ao serviço da Igreja pela consagração religiosa, nossa comunidade participa plenamente de sua oração e torna sensível a vida do Povo de Deus. Reunidas para elevar nossa voz num louvor formal de Deus pelo Ofício divino, entramos em diálogo com Êle e intercedemos pela salvação do mundo inteiro.

13- Nosso amor e nosso desejo de identificar-nos com o Cristo levam-nos a buscar sua presença na Escritura, na assembléia, nas pessoas e nos acontecimentos. Procuramos sua presença de uma maneira especial no Santíssimo Sacramento, presença que deriva da celebração eucarística e que é orientada para ela. Jesus Cristo presente nos atrai "a uma participação sempre mais profunda do mistério pascal... e nos incita a responder com gratidão ao dom dAquêle que, por sua humanidade, vivifica os membros de seu corpo"5. Pela nossa oração diante do Cristo no sacramento permanente de sua habitação entre nós, aprofundamos nossa união com Êle e tornamos mais vivos nosso amor e nossa fé.

14- Tanto quanto possível, as festas e as celebrações da comunidade devem ser orientadas para a liturgia. Visto que o espírito do Instituto é o mesmo espírito do Cristo, devemos celebrar seus mistérios com uma solenidade particular. Cristo se nos torna presente pela lembrança do mistério que se desenrola no correr do ano liturgico. O dia do Senhor, dia em que comemoramos muito particularmente o mistério Pascal será um dia de celebração em nossas comunidades para que "se torne realmente um dia de alegria e de interrupção do trabalho." (Sl. 106)

15- Nossa participação no mistério da Eucaristia intensifica-se também pelas celebrações paralitúrgicas. Baseados na Sagrada Escritura, êsses ofícios exprimem a resposta da comunidade à Palavra de Deus e são um meio eficaz de promover a unidade entre nós. Poderão também proporcionar às irmãs a ocasião de partilhar de suas inspirações e reflexões para que tôda a comunidade possa beneficiar-se das riquezas pessoais de cada irmã.

16- Em vista dêstes princípios, o Capítulo afirma que:

1. Laudes e Vésperas serão a oração da manhã e da tarde, devendo cada comunidade procurar meios para que o ofício seja apreciado pelas irmãs, em seu justo valor.

2. Cada comunidade procurará desenvolver novas formas de oração comunitária próprias a exprimir e a criar a unidade entre as irmãs.

3. Mensalmente, haverá um dia de recolhimento na comunidade, organizado conforme as possibilidades de cada comunidade.

Condições de nosso Diálogo com Deus.

17- É uma pessoa livre aquela que é chamada a dialogar com Deus no seio do Instituto, mas é uma pessoa cuja liberdade é frágil e ameaçada; ela procura a unidade, mas percebe uma divisão no íntimo de si mesma; aberta ao infinito, é tentada a dobrar-se sôbre si mesma; procura a verdade, mas nem sempre sua vida está de acôrdo com a verdade que descobre. Com efeito "uma luta árdua contra o poder das trevas perpassa a história universal da humanidade... vai durar até o último dia segundo as palavras do Senhor."(G.S. 37) Engajadas nesta batalha, nela entramos com o Cristo. É um combate contra as fôrças que afastam o homem de Deus. Nosso amor por Êle e nosso desejo de identificação com Êle instam-nos a abraçar o aspecto penitencial de nossa vida.

18- Comparando nossas ações e nossas atitudes, nossas

atitudes, nossos juizos e nossas decisões com
do Cristo, descobrimos que sòmente pela conversão
do coração, por uma renovação total de nós mesm
é que poderemos participar de sua missão, que ser
mos instrumentos dóceis da salvação. Êste exa
quotidiano de nossa resposta à Palavra de Deus q
nos é dirigida na oração, através das pessoas
acontecimentos, prepara-nos a uma recepção efica
do sacramento da Penitência e leva-nos a nêle e
contrar regularmente o Cristo misericordioso.

19- A aceitação livre da penitência voluntária ajuda-
nos a liberar-nos interiormente, a chegar a u
síntese pessoal de nosso engajamento do mundo e
nossa orientação escatológica, de nossa bertura a
sinais dos tempos e de nossa fidelidade ao eterno
de nosso desabrochamento pessoal e de nossa pobre
za espiritual. Pela penitência, respondemos à me
sagem fundamental do cristianismo (cf.Mc.1,15)e
serimo-nos cada vez mais no mistério que purific
e torna perfeitas tôdas as coisas. O Cristo pre
gou a necessidade da penitência e deu-nos o exem-
plo de sua disponibilidade a sofrer pelos pecado
dos outros. Sòmente pela associação de nosso pró
prio despojamento ao do Cristo, transformando—no
pelo mistério de sua morte, é que poderemos parti
lhar da glória da ressurreição. Completando
nossa carne o que falta aos sofrimentos do Cristo
(Col.1,24) damos a vida ao mundo. Nossa renúncia
vremente escolhida orienta-nos para Deus e encer
um despojamento de nós mesmas pelos outros confor
me o espírito dos conselhos evangélicos. Uma dis
ponibilidade aos outros, a todo o momento, é um m
io autêntico de despojamento de si mesmo. Pratic
do muitas vêzes, em circunstâncias penosas das re
lações interpessoais, o dom total de nós mesmas,
por intermédio de nosso serviço ao outro, oferec
nos múltiplas ocasiões de renúncia de nós mesmas.
A principal forma de ascese cristã consiste nu
procura amorosa da vontade de Deus e na obediênci
a essa vontade que se manifesta na oração, nas pe
soas e nos acontecimentos.

20- Como a própria Igreja que tem contìnuamente necessidade de se converter e renovar, renovação que deve ser não sòmente interior e individual, mas exterior e social, cumpre-nos também, enquanto comunidade, manifestar nossa conversão. Devemos exprimir nos segundo a liturgia e procurar despertar na comunidade a consciência de uma falta de generosidade total na resposta à Palavra de Deus. Através dessas expressões a comunidade aceita livremente e com amor sua participação aos sofrimentos do Cristo pela salvação dos homens.

21- Em vista disto:

1. As religiosas farão diàriamente um exame de consciência e são estimuladas a frequentar regularmente o sacramento da Penitência como meio de trabalhar para a conversão de seu coração ao Pai das misericórdias.

2. As superioras "deixarão a suas irmãs, de modo especial, uma justa liberdade em relação ao Sacramento da Penitência e à direção espiritual". (P.C.14)

3. Solicita-se à cada Comunidade que se procurem meios significativos que permitam às irmãs manifestar voluntàriamente o pesar de suas faltas diante da comunidade na qual vivem e trabalham.

Papel de Maria no nosso Diálogo com Deus.

22- Modêlo da Igreja por sua fé e sua caridade, Maria mostra-nos como devemos responder à Palavra de Deus. Pelo "sim" pronunciado no íntimo de si mesma, abraçou seu papel na missão redentora. Deu uma resposta total e sem reserva a uma Pessoa na qual tinha fé entrando assim no plano de Deus para com ela e para com a humanidade. No momento da Anunciação não eram claros os detalhes dêsse plano e ela meditava em seu Coração os acontecimentos de sua vida num esfôrço para melhor discernir o mistério da salvação e nêle cooperar. Não vendo o porquê dos acontecimentos jamais questionava a Pessoa que lhe

transmitia uma mensagem através das circunstâncias. Reconheceu a presença de Deus no mistério, permaneceu inabalável na sua fé. Essa fé, diante das circunstâncias da vida, fé que em Maria era alimentada por um diálogo incessante com Deus no íntimo de seu coração, deu-lhe a fôrça e a coragem de penetrar plenamente no plano da salvação. "Se Jesus é o único Salvador, Maria é sua cooperadora por sua fé viva, pela grandeza de sua esperança, pela profundidade de seu amor."[7]

23- Na continuação da existência e da missão do Cristo temos em Maria nosso modêlo e uma fonte de fôrça, de luz e de coragem. A seu exemplo, procuraremos na oração e reflexão conhecer a vontade de Deus, ser abertas ao Espírito que opera em nossa vida através dos acontecimentos e das pessoas e aprofundar constantemente nossa fé e confiança no Espírito que nos envolve com sua sombra.

1. O Magnificat cantado ou recitado em Vésperas será oferecido pelas intenções do Instituto e expressará o amor do Instituto por aquela que é modêlo de nossa fé e de nosso zêlo.

2. Em cada comunidade, as festas da Santíssima Virgem serão assinaladas por celebrações festivas e litúrgicas.

Liberdade no Espírito

24- Na Igreja, o Espírito de unidade no trabalho é o mesmo que distribui seus dons a cada um como Êle quer. "Há, certamente diversidade de dons espirituais, mas um só é o Senhor. A cada um é dado a manifestação do Espírito para o bem comum. "(ICor. 12:4,7) Centrando-nos sôbre Aquêle que é a Verdade, tornamo-nos verdadeiramente livres para responder ao único apêlo do Espírito de uma maneira que é pessoal a cada uma.

25- Sendo Comunidade, temos, alimentadas por uma consciência reta, uma herança de espiritualidade de alguns mistérios dos mais importantes do Cristia-

nismo, o Santíssimo Sacramento, o Espírito Santo, a Paixão de Cristo, Nossa Senhora, São José, a comunhão dos santos. Celebrávamos êsses mistérios através de práticas tais como visitas frequentes ao Santíssimo Sacramento, o Veni Creator, a Via Sacra, o têrço e comemorações em honra dos Santos. O mesmo Espírito que servimos nêsses mistérios conservou-nos clara a convicção de que nenhuma expressão pode esgotar plenamente a riqueza dessas verdades. Pelo Espírito de Amor creativo somos assim levadas a exprimí-los com um vigor renovado e através de formas novas e diferentes. Unidas no nosso amor pelo Cristo, respeitaremos a escolha livre de cada irmã em expressar sua devoção sob o impulso do Espírito. Nenhuma oração é digna de ser oferecida no altar de Deus se não fôr enriquecida e provada por um espírito de aceitação das preferências de nossas irmãs. Devemos ter plena consciência de que a união profunda e o apoio mútuo criam o ambiente no qual cada irmã pode realizar plenamente a perfeição da caridade à qual é chamada.

REFERÊNCIAS

1. Cf. Vida Religiosa, p. 86
2. V.R. p. 88
3. V.R. p. 187
4. Arquivos históricos, Tomo II b'
5. Instrução sôbre o culto eucarístico, 25 de maio, 1967. §50
6. Paenitemini, §2
7. Escritos. Tomo 14, p.160

-*-*-*-

VIDA CONSAGRADA VIVIDA EM COMUNIDADE

VIDA CONSAGRADA VIVIDA EM COMUNIDADE

VIDA CONSAGRADA VIVIDA EM COMUNIDADE

VIDA COMUNITÁRIA

1 - O conceito fundamental da comunidade cristã repousa sôbre a Santíssima Trindade: unidas ao Cristo, guiadas pelo Espírito, em nossa viagem para o reino do Pai e inspiradas pela crença de que tudo é humano não pode deixar de tocar os nossos corações, nós, religiosas do Sagrado Coração de Maria, temos consciência de que nossa comunidade está verdadeiramente e de uma maneira íntima, ligada à humanidade e à sua história. Uma intensa vitalidade e inspiração deveriam encontrar-se no seio de cada uma de nossas comunidades, pois nossa graça e missão ' comuns, a união de espírito e de coração nos ligam umas às outras mais do que nossas observâncias comuns. Dêste modo, devemos procurar encontrar Cristo em nós como comunidade e procurar realizar, em comunidade, as virtudes de Cristo. Como seu próprio zêlo pela glória de Deus, pela redenção dos ' homens era inspirado por uma fonte única - o seu amor pelo Pai - assim o amor deveria ser a lei que nos liga como comunidade de pessoas.

2 - No Antigo Testamento, a Aliança significava o apêlo de Deus a um grupo escolhido, a viver juntos em relação com Êle. Deus teve a iniciativa dêsse apêlo e o fruto dessa aliança foi uma comunhão de corações entre o povo. Na Igreja primitiva, de acordo com os Atos dos Apóstolos, essa aliança foi profundamente reforçada. "Êles se mostravam assíduos ao ensinamento dos Apóstolos, fiéis à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações... Dia após ' dia, com um só coração, frequentavam assìduamente o templo, e partiam o pão em suas casas, tomando seu alimento com alegria e simplicidade de coração." (At. II, 42-45) A insistência sôbre a partilha dos bens materiais e sobretudo espirituais contém uma dimensão comunitária. Sua significação mais profunda faz apêlo, de uma maneira implícita, à confiança mútua e ao respeito da pessoa.

Êsse aspecto carismático, base da comunidade, provém de um impulso do próprio Espírito. É o ponto de partida da alegria da mensagem evangélica e é, hoje, em "ECCLESIA", a comunidade da nova aliança.

3 - Para se conseguir uma autêntica comunidade de pessoas, uma tal união fraterna deveria estar profundamente enraizada num real apêgo ao Senhor Jesus. Nossa união com o Cristo nos une, ao mesmo tempo, ao Pai e aos nossos irmãos no Cristo. Essa união nos faz viver uns pelos outros. Como o Pai e o Filho são um, assim os cristãos devem viver no amor do Pai e do Filho, observando seus mandamentos com o auxílio poderoso do Espírito Santo. O pão eucarísticoé o elemento indispensável dessa comunhão eterna. Por conseguinte, nossa união fraterna se realiza em primeiro lugar "na fração do pão"(At.II, 42). Uma celebração viva da liturgia deveria ser o núcleo de uma verdadeira comunidade. A liturgia bem compreendida dá impulso à construção progressiva da comunidade, e torna-se, ao mesmo tempo, uma expressão da comunidade. A importância da liturgia deveria ser reforçada, em vista da criação de uma comunidade por meio de outras formas de oração comunitária.

4 - A alegria da Boa Nova deve estar na base do crescimento da comunidade no amor fraterno. A Igreja nos exorta a esclarecer o homem moderno "à luz do Evangelho" (1). Os grandes temas escriturísticos da luz nas trevas, da vida em face dos terrores da morte aparente, da alegria no meio dos sofrimentos, da esperança que vence o desespêro, deveriam manifestar-se no testemunho vivido pelas religiosas que fôram chamadas a seguir o Cristo e a interceder junto ao Pai, a fim de que Êle conceda aos homens êsse dom de alegria e de salvação. "Em verdade, em verdade vos digo, o que pedirdes ao Pai, Êle vô-lo dará em meu nome. Até aqui nada pedistes em meu nome. Pedi e recebereis e vossa alegria será perfeita" (Jo.16,24). Nossas comunidades religiosas deveriam viver essa alegria, e ser sinal para to-

dos os homens de que o amor, a luz e a vida triunfarão segundo a promessa de Cristo.

5 - Assim compreendida, a comunidade está no coração do cristianismo. Cristo, por sua Encarnação, veio realizar nossa unidade nÊle, e Êle é princípio de unidade... "Que todos sejam um... (Jo. 17,21). Por êsse mistério que nos leva à unidade da humanidade, somos chamadas a responder às necessidades de todos aquêles que aspiram a uma comunidade autêntica, que foram privados de uma tal comunidade. O Concílio nos pediu que renovássemos nossa vida de comunidade, que adaptássemos nossa maneira de viver, de rezar e de trabalhar..."(2) Temos necessidade de uma revisão, daquilo que compreendemos por "comunidade" para poder responder a êsse apêlo imperativo. Nossa vida de comunidade deve ser sinal de alegria e de amor; devemos procurar umas nas outras o apôio mútuo necessário, para realizar êsse trabalho de ser o fermento do mundo.

6 - Com a liturgia e a Boa Nova, um outro meio de chegar a uma verdadeira comunidade é o diálogo. "O diálogo fraterno dos homens encontra o seu verdadeiro acabamento na comunidade das pessoas e esta exige o respeito recíproco de sua plena dignidade espiritual". (3) Num diálogo autêntico, experimentam-se de uma maneira realista as alegrias e dificuldades contidas na partilha comunitária. Para chegar a um resultado, o diálogo deve ser aberto e respeitoso; não se trata absolutamente de convencer o outro, nem de persuadí-lo, mas antes de tudo de aprender do outro a maneira pela qual nós nos revelamos a nós mesmos. Dêste modo, a avalização da comunidade por si mesma pode servir ao bem comum e produzir uma impressão de realização pessoal e comunitária. As relações interpessoais compreendidas nesse sentido são igualmente uma concretização do profundo respeito que devemos ter pelo Cristo encarnado no coração de todos os homens.

7 - É da maior importância guardar presente no espíri-

to que a comunidade está sempre em formação e como tal deve ser reanimada do interior. Por conseguinte, a responsabilidade pessoal de cada uma em relação à construção da comunidade é decisiva. Êsse conceito nos leva a uma consideração do papel da autoridade e da obediência: há obrigação da parte de cada uma de ser atenta e obediente ao bem comum. A autoridade, por sua vez, se exprime como um serviço de amor. O espírito fala através de todos, e todos partilham de seus dons em vista de conhecer plenamente a vontade de Deus no que diz respeito à comunidade. Finalmente a autoridade não aspira só a intensificar o amor, mas a ser amor, à imitação de Cristo. "A autoridade é antes de tudo uma fôrça moral. Seus detentores devem, pois, apelar, em primeiro lugar, à consciência, ao dever que incumbe a todos de servir com diligência aos interêsses comuns... Todos os indivíduos e todos os corpos intermediários devem concorrer, cada um na sua esfera, para o bem do conjunto." (4)

8 - Essa comunidade da nova aliança é pois, uma união de pessoas no amor fraterno. O ambiente de uma tal comunidade deveria ser aquêle que favorece o crescimento das relações interpessoais, em que se amam e se respeitam as pessoas segundo o seu próprio valor. Unidas primeiramente no amor de Cristo que as chamou, as religiosas são também unidas na sua participação comum na missão apostólica. Uma de suas funções comunitárias é de trabalhar para a construção de um espírito, através do qual as pessoas e os valores pessoais são altamente estimados e jamais negligenciados em nome de um fim funcional em benefício da organização.

9 - O aspecto trinitário da comunidade é fundado na pluralidade das pessoas na divindade única. Êle representa a unidade na diversidade. Encara-se a comunidade como "tessitura" de numerosas pessoas. Os membros de uma comunidade devem então compreender que são suas relações interpessoais que contribuem para formar um conjunto, que tôdas aproveitam da

manifestação e do desenvolvimento dos talentos de cada uma, e que cada pessoa deve praticar a maior benevolência para com o outro. Sendo a pessoa a base de um instuto religioso, dever-se-ia prestar uma atenção particular ao desenvolvimento das virtudes que favorecem o crescimento humano: a confiança mútua e o respeito, relações mais graternas , ocasiões mais numerosas de tomar decisões pessoais, disponibilidade, utilização de meios naturais para assegurar a saúde física e mental, por exemplo, o repouso, a atividade física, o emprêgo do tempo dos lazeres em geral. Para garantir uma tal ação e interação, é necessário que tôdas contribuam para a criação de um ambiente favorável a um tal crescimento em maturidade.

D- A imagem da Trindade que é a fonte da vida renovada reflete-se na recreação no verdadeiro sentido da palavra. Por sua participação nas expressões culturais de um meio, a comunidade religiosa dá a essa cultura a dimensão de abertura ao sagrado. Dessa maneira, participa dessa "re-creação" de si mesma e da sociedade.

I- Em conclusão, quando se consideram as diferentes maneiras de renovar nossa vida comunitária, é preciso lembrar de nosso contexto histórico, isto é, da situação concreta na qual nos inserimos. Verifica-se que é, ao mesmo tempo, desejável e vantajoso, estabelecer trocas entre as comunidades religiosas e a comunidade total, trocas estas que seriam um enriquecimento recíproco. O testemunho vivo de uma comunidade religiosa seria um sinal de esperança para o mundo angustiado e inquieto que procura tranquilizar-se na sua incerteza. Por outro lado, o contato com uma comunidade de amor verdadeiramente cristão, fora do convento, unido à tomada de consciência dos problemas angustiantes, da luta penosa que fazem parte de tôda existência humana, alargaria as vistas das religiosas e as ajudaria a evitar o voltar-se só para horizontes limitados e que limitam. O engajamento na pastoral de conjunto, e o uso inteligente dos meios de comunicação social

têm também um valor comunitário e apostólico. Através dêsses meios, a comunidade autêntica, que é a fôrça principal e a vida consagrada, poderá ir ao encontro da comunidade total para responder às suas necessidades, sejam elas acadêmicas, sociais, cívicas ou de interêsse mundial.

12- Recomendações

1. Para se criar uma verdadeira comunidade é indispensável que as pessoas se conheçam. Algumas das seguintes idéias poderiam ajudar-nos a enriquecer nossa maneira de viver em comunidade:

   a) grupos compostos de um pequeno número de pessoas que vivem juntas;

   b) lugar de residência separado de lugar de trabalho;

   c) comunidades compostas de pessoas que não exercem tôdas a mesma forma de apostolado.

2. As Irmãs são estimuladas ao estudo da geriatria com o objetivo de se prepararem para responder às necessidades de nossas religiosas idosas ou "fora da ativa".

3. Cada comunidade local deveria fixar seu horário segundo suas necessidades específicas.

4. Num Instituto dedicado ao apostolado, dever-se-ia reconsiderar o conceito de clausura em vista do anúncio da Boa Nova, pela partilha e pela disponibilidade em face das necessidades da comunidade local. Entretanto, de acôrdo com as necessidades fundamentais da natureza humana e de nossa vida religiosa, é importante respeitar o direito à calma e à solidão na medida necessária ao desenvolvimento pessoal e comunitário.

5. Devemos estar especialmente atentas a favorecer um silêncio que evoca o verdadeiro espírito

de calma interior necessária para que cada uma possa escutar a Deus. Em nossa vida de comunidade, isso nos ajudará igualmente a respeitar as necessidades das outras e o seu desejo nesse domínio.

6. As decisões concernentes às visitas à família devem estar de acôrdo com as necessidades da pessoa, acentuando a caridade e responsabilidade pessoal na consideração de cada caso. Essa decisão é deixada a discrição de cada província.

7. As decisões relativas à correspondência devem ser deixadas ao discernimento de cada religiosa baseando-se na lei da caridade e do bom senso.

8. Serão prodigalizados cuidados às Irmãs doentes que se deram ao serviço dos outros; merecem tôda nossa consideração afetuosa.

9. Cada Irmã tem direito a um período anual de férias ao menos de quinze dias e durante o ano deveriam ser dadas a tôdas possibilidades de descanso e de recreação.

Notas

1 - GS 3
2 - PC 3
3 - GS 23
4 - Pacem in Terris, 48,53

O S V O T O S

Os textos apresentados aqui serão aprofundados e elaborados entre as duas sessões do CAPÍTULO.

1 - Por nosso batismo somos chamadas à santidade; como membros da Igreja avançamos sem hesitação no "caminho de uma fé viva que estimula a esperança e age pela caridade" (LG 41). Como religiosas, respondemos livremente a Deus que nos chama a nos dar sòmente a Êle, e a ser sinal eloquente de caridade e fonte de fecundidade espiritual no mundo. O dom total de nós mesmas é expresso pela profissão dos conselhos evangélicos é o cerne de nossa identidade de religiosas.

2 - Por nossa castidade centramos nosso amor no Cristo e nos engajamos a segui-lO na sua missão salvífica. Esse dom de nós mesmas feito por causa do amor de Cristo e do próximo, implica o sacrifício daquilo que está íntimamente ligado à própria vida. O fato de centrar radicalmente nossa vida no Cristo traz como consequência o desejo de partilhar a pobreza daquele que veio sòmente para fazer a vontade de seu Pai, obedecendo-lhe até à morte.

3 - Essa consagração total, engajando-nos de uma maneira especial e pública no serviço de Deus e da Igreja, é vivida em comunidade com outras que partilham a mesma visão de fé, a mesma esperança, o mesmo amor por Deus e pelos homens.

C A S T I D A D E

1 - Enquanto que todos os cristãos são chamados a seguir o Cristo e a imitar seu amor, alguns, por um dom especial de Deus, são convidados a seguí-lO de mais perto e a imitar seu amor de uma maneira mais radical e íntima; por uma vocação divina êsses homens e mulheres são admitidos a uma união pessoal mais profunda com o Cristo, nosso Redentor, a ex-

primir em suas vidas seu amor virginal por Deus e pelos homens, totalmente disponíveis para difundir a Boa Nova e para continuar a obra salvífica sôbre a terra.

- Tendo recebido com reconhecimento êsse dom de Deus, com uma consciência plena e amadurecida da dignidade do matrimônio, e por conseguinte do sacrifício implicado nesse apêlo, nós nos oferecemos alegremente ao Cristo dando nosso ser todo inteiro Àquêle que por seu amor mais forte que a morte, resgatou e santificou os homens. Por essa resposta ao apêlo de Deus damo-nos a Êle de uma maneira nova, numa consagração profundamente enraizada na consagração batismal da qual ela é a expressão mais completa. Êsse dom de Deus, cuja aceitação é confirmada por nosso voto de virgindade, é renovado constantemente por nós, de modo que, cada uma de nossas respostas a êsse convite estreita não sòmente nosso laço especial de afeição pelo Cristo, mas também nossa participação na vida da Trindade.

- Entretanto, êsse dom não pode ser compreendido desde logo em têrmos de santificação pessoal. Aceitando êsse dom, é exigido da religiosa, não sòmente centrar todo o seu amor na pessoa do Cristo, mas partilhar mais plenamente de seu amor virginal pelos homens. Assim ela tem a possibilidade de amar os homens com um amor novo, amor caracterizado pela universalidade, autenticidade e intensidade, que a abre às preocupações de todos os homens. Como o Cristo, a religiosa procura socorrer aquêles que têm necessidade dela, a partilhar das alegrias e penas daqueles que ela veio servir. Chegar a essa disponibilidade total, cujas exigências sôbre o seu tempo, suas energias e seus interêsses estão sempre crescendo é impossível às suas próprias fôrças. Ela não ousa engajar-se nesse caminho senão sustentada pelo amor do Cristo que lhe é oferecido, no convite a segui-lO, e que a impele até ao sacrifício.

- Aceitando êsse dom, por escolha, a religiosa assu

me a responsabilidade de ser leal aos compromissos que tomou para com a pessoa do Cristo. Ainda que ela tenha aberto o seu coração a um maior amor, é possível que nas situações humanas nas quais se encontra, sua visão se estreite centrando-se interiormente sob o impulso de sua natureza, sôbre um amor exclusivo e possessivo. Com efeito, essa tensão poderia existir sempre nela fazendo-se sentir com mais ou menos intensidade. Movida por isso ela encontra nas pessoas e nos acontecimentos, a ocasião de reafirmar sua resposta inicial ao Cristo.

5 - Nesse espírito ela procura todos os meios de guardar bem vivo o espírito que anima a renúncia necessária para responder a essa graça. A fidelidade a êsse compromisso é fortalecida pela união dos corações e dos espíritos na comunidade religiosa. Seu amor pelo Cristo refletirá nas relações pessoais que, ao mesmo tempo reforçam a vida de comunidade e são um apôio e uma fonte de inspiração para cada religiosa. Um profundo amor que anime nossas relações fraternas fará de nossa comunidade, entre as nações, um sinal levantado do enriquecimento proveniente do abandono total ao Espírito de amor, o Espírito do próprio Cristo.

6 - Essa resposta será igualmente reforçada por uma vida de oração inspirada na Bíblia e na liturgia, na qual procuramos diàriamente aprofundar nosso amor pelo Cristo. O exemplo de Maria, Virgem e Mãe, modêlo perfeito da verdadeira feminilidade, nos ajudará a atingir êsse conhecimento do Cristo que conduz ao amor. Não se devem negligenciar os meios naturais aptos a promover a saúde do espírito e do corpo. Confiantes no auxílio de Deus não presumimos de nossas fôrças. Na ascese e na disciplina pessoal, encontramos um auxílio eficaz para viver fielmente nossa profissão de castidade.

7 - Por conseguinte, a religiosa consagrada à pessoa do Cristo e procurando sempre corresponder ao dom que lhe foi concedido, é estimulada a ser cada dia, si

nal vivo de fé e de esperança num mundo que procura valores verdadeiros e duradouros, sinal, não somente do reino futuro, mas também do reino que já começou, que está presente entre nós e dentro de nós. O homem de hoje, consciente do valor e da dignidade da pessoa humana, tem necessidade do testemunho de amor da religiosa centrado no Cristo, fonte de seu enriquecimento e aperfeiçoamento pessoal. Ela deve irradiar a alegria de um coração não partilhado, num mundo que procura o sentido do verdadeiro amor.

P O B R E Z A

1 - Do Antigo ao Novo Testamento, da Igreja dos Apóstolos ao século XX, a idéia de pobreza foi sempre posta em relêvo como um apêlo que suscita uma reforma.

2 - Os pobres de Javé, lançaram por assim dizer, os fundamentos da pobreza de espírito: a consciência de nossa pequenez e miséria diante de Deus, que se exprime pela humildade, pela mansidão, pela submissão. A pobreza evangélica, prolongando a linha de pensamento dos "anawin", insistiu no sentido de dependência do Pai celeste que "alimenta os pássaros do céu e reveste a erva dos campos" (Mt. 6,26 - 3,30), acrescentando à atitude interior, a resposta prática ao convite do Cristo: "vai, vende o que tens, dá aos pobres..." (Mt. 19,21)

3 - Os primeiros cristãos viveram êsse ideal na partilha e no amor fraterno: "nenhum dizia seu o que lhe pertencia, mas entre êles tudo era comum"(At.4,32).

4 - A pobreza religiosa, síntese de tôdas essas atitudes, interiores e exteriores, deve ser na Igreja a concretização sempre atual de uma resposta a um apêlo. O apêlo vem de Cristo que "sendo rico tornou-se pobre" para se dar a nós que somos pobres pela nossa contingência e nosso pecado, e assim "nos enriquecer por seu despojamento". (2 Cor. 8,9).

E a resposta deve engajar tôda nossa vida e ser plenamente livre, consciente e amadurecida.

5 - Essa resposta deve ser de tal natureza que terá força de sinal escatológico dos bens eternos. Deus deu ao homem o poder sôbre as coisas materiais: "Enchei a terra e submetei-a" (Gn. 1,28). Sendo espírito e matéria, o homem tem necessidade de dominar e modelar as coisas materiais. Mas modelando-as corre sempre o risco de se deixar dominar por elas. A pobreza é um convite a utilizá-las segundo o espírito do Evangelho, isto é, em vista do reino que começa neste mundo mas que "não é dêsse mundo" (Jo. 18, 36).

6 - Para ter a transparência de sinal e a fôrça de testemunho, a pobreza religiosa deve encarnar-se em uma comunidade. A exemplo de Cristo, que tudo partilhou conosco, a pobreza é partilha: partilha de bens e também partilha de vistas sôbre o ideal de pobreza. A primeira comunidade cristã que historicamente fêz a experiência dessa pobreza partilhada, teve êxito, porque seus membros tinham "um só coração e uma só alma" (At. 4, 32). Essa idéia de partilha está na base de tôda pobreza de espírito, de todo diálogo, de tôda vida comunitária. Porque nós somos pobres, estamos sempre em condições de receber, e porque nossa pobreza é nossa riqueza, temos sempre do que dar. Essa partilha e essa abertura devem ultrapassar os limites estreitos de um grupo - a comunidade religiosa - e transbordar sôbre a comunidade mais vasta que nos rodeia: "Todo grupo deve levar em conta as necessidades e as legítimas aspirações dos outros grupos, e mais ainda do bem do conjunto da família humana. (GS. 26)

7 - Escolhida livremente e informada pelo ideal da primeira bem-aventurança, a pobreza é disponibilidade e abertura ao espírito que nos impele a exprimi-la numa linguagem que as pessoas de nosso século compreendam. Em vista de sua dimensão apostólica, ela deve inserir-se profundamente na realidade presente. Os problemas suscitados pela explosão demográ-

fica e o sub-desenvolvimento tornam maiores e mais concretas que outrora as exigências do mundo atual em relação à pobreza religiosa.

8 - Em consequência, os membros de um Instituto apostólico terão uma sensibilidade social mais aguda para com a pobreza do mundo e os problemas do mundo da pobreza. Tôdas as espécies de pobreza - material, moral e espiritual - solicitarão seu zêlo apostólico. As aspirações legítimas dos pobres serão suas aspirações. Por seu estilo de vida esforçar-se-ão por dar um testemunho individual e coletivo de pobreza. Terão uma escala de valores inspirada no Evangelho e nos princípios cristãos: as pessoas são mais importantes que as coisas, "a propriedade privada não constitui para ninguém um direito incondicional e absoluto...", "o direito de propriedade jámais deve exercer-se em prejuizo da utilidade comum". (Populorum Progressio 23)

9 - O Espírito Santo, na Igreja, impele-nos, segundo o ritmo da vida, à interiorização e à abertura, "retôrno às fontes e adaptação às novas condições". (PC 2) Qual a inspiração original do Padre Gailhac sôbre a pobreza? Nós a encontramos nas preferências de seu apostolado: Como o Cristo êle era atraído pela evangelização dos pobres. Para o Padre Gailhac o apóstolo era aquêle que, ao testemunho individual em todos os níveis, acrescentava a preocupação constante das necessidades do seu tempo. Tôdas as suas obras foram fundadas para responder a essas necessidades. Êle viveu essa autenticidade pessoal e essa vocação apostólica em tôda sua amplitude e a inculcou às suas religiosas: "Seria muito pouco serdes pobres, é preciso ainda mais, que vos engageis a ser as servas dos pobres". (Escritos, tomo 7 - pag. 2230) E nós podemos ampliar o sentido dessas palavras "pobres" e "servas dos pobres" até as dimensões do mundo atual.

10- É preciso, além disso, interrogar-nos: Se o Padre Gailhac vivesse hoje que faria êle num mundo que,

em dois terços de sua população, é ameaçado pela fome e mergulhado no analfabetismo, assediado por toda espécie de divisões? Que faria êle num mundo técnico e socializado, que encontra numa "mística por vêzes exagerada do trabalho" (P.P. 27) a expressão de seu poder sempre crescente sôbre a matéria e sua sêde de independência jamais saciada? O que êle não pode fazer, porque não vive mais sôbre essa terra, nós, as continuadoras de sua obra, que é a obra de Jesus Cristo, devemos procurar fazê-lo.

11- O documento Perfectae Caritatis §3 insiste sôbre pontos que bem compreendidos e postos em prática com inteligência, nos levarão a responder aos apêlos dêste século quanto à pobreza real que se traduz:

- pela responsabilidade pessoal
- pela exigência do trabalho
- pelo testemunho coletivo, visível e legível às pessoas de nosso tempo
- pelo auxílio "às necessidades da Igreja e dos indigentes" à custa de nossos próprios bens
- pelo afastamento "de todo luxo, todo ganho imoderado ou acúmulo de bens"
- e, se necessário, pela criação de expressões novas para enfrentar novas situações.

RECOMENDAÇÕES

Religiosas do Sagrado Coração de Maria, somos solicitadas a fazer uma revisão de nossa pobreza em nível pessoal, comunitário e do testemunho, à luz das considerações que foram propostas e segundo as recomendações que se seguem:

1. Empregar todos os meios possíveis para despertar nas religiosas o interêsse pelos problemas sociais de hoje e formar sua mentalidade segundo a doutrina da Igreja sôbre êsse assunto.

2. As religiosas que, por seus compromissos pro-

fissionais não estão em contato direto com os pobres - o que acontece frequentemente - podem e devem comungar com êles por seu espírito e mentalidade. É de se desejar também que elas procurem despertar a consciência das pessoas ' que evangelizam ou que com elas trabalham para os problemas sociais a fim de dispô-las a enfrentá-los.

3. Tudo deve ser comum entre as religiosas, exceto os objetos pessoais. A comunidade e não a família deveria prover as suas necessidades. Elas disporão dos presentes recebidos segundo o espírito de caridade e de partilha. Êsse mesmo espírito deve inspirar suas relações interpessoais, abertura aos outros, e a comunicação entre elas de suas riquezas humanas, naturais e sobrenaturais.

4. É preciso distinguir a vida profissional da vida pessoal no que diz respeito à pobreza. As religiosas podem ter à sua disposição para o seu trabalho e apostolado as publicações e os meios técnicos necessários, porque em competencia profissional, não devem estar abaixo dos leigos. Mas, êsses recursos não lhes pertencem como coisas própria.

5. Fazer em nível local uma revisão de nosso estilo de vida (habitação, vestes, alimentação, lazer, meios de transporte) para ver se está de acôrdo com o ideal de pobreza de um Instituto apostólico. O estilo de vida simples dependerá, entretanto, do país e do meio em que a comunidade se insere, e do gênero de apostolado ao qual se dedica.

6. Tôda modificação na maneira de vestir-se das religiosas deve obedecer a uma grande simplicidade e ser testemunho nos meios que evangelizam.

7. Segundo as necessidades de cada província, poder-se-ia fazer a experiência de pequenas comu

nidades vivendo simplesmente, em casas pobres e consagrando-se inteiramente à promoção dos pobres.

8. Estimular no Instituto a vocação missionária, apêlo a viver entre os mais pobres os que não receberam a luz do Evangelho.

9. Colaborar com as organizações diocesanas e supra-diocesanas, nacionais e internacionais, católicas ou não católicas, que trabalham para os pobres e para os países do terceiro mundo.

10. Permitir às religiosas que renunciem aos bens patrimoniais, mas não antes de dez anos de profissão religiosa. Cada caso deve ser estudado individualmente e sua solução é da competência da Superiora Geral e de seu conselho, baseada nas informações fornecidas pelo Conselho Provincial.

11. Segundo a situação e as necessidades das Províncias, fazer um estudo sôbre os prédios que habitamos, para ver se dão testemunho de pobreza nas regiões em que se encontram. Se não dão êsse testemunho, é de se desejar, quando fôr possível e a ocasião se apresentar, separar o lugar de trabalho das religiosas, do de sua moradia, que será, então, a mais simples possível, mas com o confôrto suficiente para permitir o desabrochamento normal da pessoa.

12. Uma pobreza exclusivamente de dependência correria o risco de tirar a responsabilidade pessoal. Cada Província, cada Casa deve ver quais são os meios mais aptos a dar às religiosas a consciência de uma pobreza responsável:

- atitude de respeito para com as coisas materiais
- comunicação de recursos entre as diversas casas e províncias
- situação financeira conhecida e assumida pelos membros da comunidade
- formas diversas de partilha da responsabili-

dade entre as Irmãs (caixa comum ou orçamento pessoal, com normas estabelecidas na comunidade e avaliação, ajuda às pessoas que estão em necessidade, mesmo à custa de sacrifícios)

13. Por espírito de partilha, pôr nossos edifícios à disposição da comunidade local.

O B E D I Ê N C I A

1 - Fundamentada sôbre o amor, a resposta que a religiosa dá ao apêlo gratuito de Deus, leva-a a seguir o Cristo, a adotar sua atitude de obediência para com o Pai. Consagrada a Deus por um amor sem partilha, ela procura identificar-se com Aquêle que veio para fazer a vontade do Pai e realizar sua obra. (Jo. 4, 34)

2 - O Cristo, Palavra que exprime fielmente o Pai, em tudo fêz a vontade de seu Pai. Sua condição de Filho era assinalada por sua plena aceitação dessa vontade, aceitação que o levou a entregar-se pela salvação de seus irmãos. "Êle de condição divina aniquilou-se tomando a condição de escravo tornando se semelhante aos homens. Comportando-se como homen humilhou-se mais ainda obedecendo até a morte e morte de cruz. (Fil. 2)

3 - Sendo uma resposta pessoal ao amor do Pai, êsse ato de despojamento radical pelo qual o Cristo deu sua vida pelos outros, era uma expressão da liberdade suprema. "O Pai me ama porque dou a minha vida para a retomar. Ninguém a tira de mim, mas eu a dou de mim mesmo e tenho o poder de a dar, como tenho o poder de a reassumir. Tal é a ordem que recebi de meu Pai". (Jo. 10 - 17,18) Êle entregou-se ao amor total, fazendo coincidir seu próprio querer e tôda sua atividade de homem com a vontade do Pai. Aceitando o absoluto dessa vontade, submeteu-se livremente até a morte. Foi por sua obediência, por êsse dom total de si mesmo a seu Pai, que Êle

operou a redenção do homem.

4 - Por seu batismo, a religiosa foi introduzida no mistério pascal. Unida ao Cristo, ela procura uma participação sempre mais íntima a seus sentimentos, e no desejo de viver tôdas as consequências dessa participação, aceita profundamente o compromisso de sua obediência cristã. Ela abraça com tôda a liberdade e por amor o voto de obediência que a Igreja lhe oferece.

5 - O valor do sacrifício da cruz fica oculto aos olhos dos homens. É só pela fé que os frutos salvíficos dêsse ato de obediência podem ser apreciados. A fé nos faz ver que a morte de Cristo destruiu nossa morte e nos dá a vida; ela nos convence também que por nossa obediência religiosa, fruto do dom total de nós mesmas a Deus, continuamos a obra da redenção e trazemos a vida aos homens. A fé, alma da obediência, põe em relêvo sua dimensão apostólica. Nossa inserção no mistério pascal que é um mistério de obediência encontra sua expressão concreta no cumprimento da missão apostólica que nos foi confiada pelo Espírito Santo para o bem da Igreja.

6 - A plena aceitação da vontade do Pai nos pede que exerçamos nosso apostolado não a título individual, mas como membros de uma comunidade que tem sua missão específica. Para compreender sempre melhor a maneira de atualizar essa missão no mundo de hoje e nas circunstâncias nas quais vivemos, é preciso que a comunidade inteira esteja unida num esfôrço sincero para descobrir a vontade de Deus. Dócil à ação do Espírito que se manifesta pelas aspirações que suscita nas almas que lhe são abertas, as Irmãs encontram, num ambiente de confiança recíproca e de diálogo sincero com a superiora e entre elas, a alegria de descobrir juntas, o que o Senhor deseja. Êsse diálogo traz à superiora o auxílio real e positivo da cooperação dinâmica e espiritual da comunidade para que ela possa cumprir com discernimento sua missão de dirigi-la por suas deci-

sões, para uma maior dedicação ao serviço de Deus e de nossos irmãos. Essa procura comunitária, realizada à luz da fé, permite às Irmãs compreender melhor a vontade de Deus sôbre elas e a aderir a essa vontade fielmente, por obediência. Tendo discernido essa vontade na oração, nas pessoas e nos acontecimentos, as Irmãs se empenharão no seu cumprimento e darão uma resposta de amor até ao esquecimento de si mesma.

7 - A obediência vivida como adesão pessoal ao Cristo e à sua missão salvífica exige que na comunidade tôdas as religiosas participem ativamente na procura da vontade de Deus. Esta mesma obediência pede a cada religiosa que ela dê as fôrças de sua inteligência e de sua vontade, os dons da graça e da natureza para executar livremente as decisões e para o cumprimento das funções que lhe são confiadas em vista da edificação do Corpo de Cristo. A aceitação pessoal e responsável da obediência torna-se a expressão de uma personalidade cristã que encontra o seu desabrochar numa resposta livre aos desígnios de Deus chamando-nos para fazermos parte de uma comunidade apostólica. É no seio dessa comunidade apostólica que o despojamento da religiosa por amor do Cristo encontrará sua especificação segundo a inspiração primitiva do Fundador e as Constituições.

8 - Pela profissão da obediência, faz assim a religiosa a oferta total de sua própria vontade como um sacrifício de si mesma a Deus e dêsse modo une-se mais fortemente à sua vontade de reconciliar todos os homens. Nisso consiste o zêlo encerrado em nossa obediência. É o zêlo que nos liga de maneira especial a Jesus Cristo e à sua obra e nos obriga a nos tornar aptas para sua missão e a lhe consagrar nossas fôrças, nossos talentos, nossa saúde, a própria vida. (Cf. VR.pag.140)

MISSÃO APOSTÓLICA

A MISSÃO APOSTÓLICA DAS RELIGIOSAS DO SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA

Inserção na comunidade eclesial

1 - Todo momento na história da humanidade é único. Êle é segundo o desígnio misterioso e salutar de Deus, o resultado de uma infinidade de elementos que vêm do passado e convergem para o presente; portador de graça, êle oferece a matéria sôbre a qual o homem exerce sua liberdade. O momento atual que vivemos - momento complexo e por vêzes angustiante - é também um momento de graça que não se repetirá jamais e que exige uma resposta livre, generosa e confiante. Nossa resposta, como Religiosas do Sagrado Coração de Maria ao apêlo que Deus nos dirige no e pelo momento presente, revela-nos a atitude que devemos tomar em face do mundo atual.

2 - Cristo, fazendo-se homem, viveu também um momento único na história. Enviado pelo Pai, a fim de reconciliar o homem com Êle, inseriu-se plenamente no meio dos homens de seu tempo. Escutava-os, dialogava com êles. Partilhava suas alegrias e suas tristezas. Ia à procura dos homens, comendo e bebendo com os pecadores. Seu coração era sensível aos sofrimentos dos homens. Seus atos de misericórdia, seus "sinais", sua própria presença eram sempre um apêlo à fé. (Cf.Mg. 2:1,11) A salvação manifestada aos homens de seu tempo residia na aceitação na fé da Pessoa do Cristo.

3 - Inserida na história como o Cristo, a Igreja também caminha com a humanidade e partilha sua sorte terrestre. Ela continua através dos séculos e das culturas e missão de Cristo. Essa missão encontra sua manifestação no mistério do apostolado, pelo qual a Igreja tende a tornar-se coextensiva com o mundo e com a humanidade. Êsse apostolado, como o do Cristo, situa-se no plano da fé. É o convite dirigido a todos os homens a participarem da experiên-

cia que o apóstolo fez da Boa Nova e implica por conseguinte palavra e ação, testemunho e serviço. Êle torna-se a revelação progressiva do plano de Deus para o mundo onde tôda planificação humana corre o risco de ser fracassada se não se enraiza numa procura paciente e consciente da vontade de Deus. Essa mesma busca assegura também a liberdade e a dignidade do homem pois quem procura seguir o Cristo, Homem perfeito, torna-se êle próprio mais homem.

4 - Membros de um Instituto dedicado ao serviço de Deus e dos homens, nós nos engajamos num esfôrço comunitário a fim de despertar nos homens uma resposta pessoal e única ao apêlo individual que Deus lhes dirige, para se lhes unir e uní-los entre êles. Nossa maneira de viver em comum deve, por conseguinte, ser um poderosa manifestação do amor de Deus que nós partilhamos, assim como uma fonte vital de fôrça apostólica. É êsse mesmo amor intenso de Deus, enraizado na fé que nos inspira o zêlo para abraçar plenamente a missão de Cristo no mundo atual.

5 - Neste mundo onde somos chamados hoje a continuar a missão de Cristo, o homem é mais consciente do que nunca de sua dignidade pessoal, mas essa mesma dignidade é ameaçada pela ignorância e pela injustiça. Cada vez mais sensível à interdependência da humanidade, êle sente também a angustia da solidão, do egoismo, da indiferença. Seu domínio crescente sôbre as forças da natureza vão a par com um desequilibrio econômico e social sempre maiores. A incerteza apodera-se do homem no momento mesmo em que êle percebe cada vez mais que tem entre suas mãos a possibilidade de remediar a êsses males.

6 - Em uma grande parte do mundo, os homens, esmagados pela pobreza, pela doença, pela miséria ou pela guerra, são impedidos de levar uma vida verdadeiramente digna e humana. Em face dêsses problemas, reconhecemos que a ignorância é frequentemente a raiz

dêsses males. Convencidas de que os efeitos da educação são seguros, extensos e duradouros, consagramo-nos à elevação do homem, à transformação do mundo pela educação. Fazemos o possível por permitir que todos os homens participem da verdade que liberta.

7 - Inserimo-nos no mistério da salvação pela formação da pessoa humana na perspectiva de seu fim supremo. É tôda a pessoa que é objeto da educação. Procuramos estimulá-la a emitir um juizo sôbre os valôres morais com uma consciência reta e a assumi-los por uma adesão pessoal; a tornar o homem consciente de suas responsabilidades perante Deus, para com seus irmãos e perante a história; a levá-lo a conhecer e a amar a Deus e a o homem de um modo mais perfeito. Libertando-o pela verdade, nós o preparamos para a fé e para o amor. Essa formação integral da pessoa permite-lhe descobrir suas riquezas e as que permanecem escondidas no mundo.

Expressão do apostolado: a Escola

8 - A escola pode contribuir de uma forma particular ao desenvolvimento da pessoa humana. Pelo ensino das diversas disciplinas, procuramos favorecer a abertura da pessoa aos valôres do verdadeiro, do belo e do bem dispô-la a uma apreciação do mundo que a cerca e das maravilhas do espírito humano. Procurando desenvolver as qualidades da inteligência, da vontade e do amor fraterno, a educadora conduz seus alunos a um conhecimento da vocação do homem na história e ela coloca à sua disposição os meios que lhes permitirão dar sua contribuição livre e pessoal ao desenvolvimento da sociedade moderna.

9 - Todo verdadeiro conhecimento do mundo e do homem deve ser esclarecido pela fé. Uma das funções primordiais da escola cristã é ajudar os alunos a se abrirem a essa fé que lhes foi dada no batismo. Embora essa função incumba a cada membro da comunidade escolar, as religiosas que estão diretamente en

carregadas do ensino religioso devem-se compenetrar da grandeza e da importância de seu trabalho. Devem preparar-se muito cuidadosamente para a catequese não sòmente estudando a doutrina sagrada mas também penetrando-lhe o sentido profundo por uma assimilação pessoal da verdade revelada. Um contacto vital com as realidades de seu tempo ajudá-las-á no seu ensino a aspirar a adesão total a Cristo que se traduz num serviço apostólico.

10- Na comunidade escolar, o desenvolvimento e a fidelidade de cada membro não sòmente sustentam mas também alimentam a dedicação e a fidelidade de todos os outros membros. Por sua atitude de serviço e seu desejo de colocar todos em estado de aceder à verdade, a comunidade educadora testemunha o valor das realidades humanas, seu sentido cristão e a atitude positiva da Igreja para com a cultura humana. Não é senão pela colaboração estreita de todos os membros dessa comunidade que nossas escolas poderão ser instrumentos de serviço e de testemunho e ajudar o homem nôvo a se desenvolver em uma atmosfera de liberdade e de caridade. Por conseguinte todos aquêles que fazem parte da administração, do corpo docente e dos serviços auxiliares da escola, tanto religiosas como leigos, devem formar um só corpo educativo. A escola deve manter relações estreitas com os pais dos alunos para secundar seus esforços e para assegurar unidade e continuidade da formação.

11- Nossa missão continuará a se exercer depois que nossos alunos tiverem terminado seus estudos. Nós os seguiremos com interêsse, estimulando-os ao apostolado, encorajando-os a participarem dos movimentos adaptados à sua idade e à sua situação.

12- A eficiência da escola depende também de sua inserção na comunidade total. À escuta das diretrizes da Igreja, ela participará do plano da pastoral de conjunto e da vida da diocese e da paróquia. Além disso, a escola deve estar a serviço da comunidade que a cerca, de modo que ela se torne um verdadeiro cen

tro apostólico local.

Expansão do apostolado educativo

13- Todo homem tem direito inalienável à educação. Conscientes dêsse fato e fiéis ao espírito de nosso Fundador, colocamos nossos serviços ao alcance de tôdas as pessoas que dêles necessitam, sobretudo das mais abandonadas sem outra distinção que a limitação de nossas possibilidades humanas. Apesar do fato de não excluirmos qualquer classe social de nossas instituições, reconhecemos que há um grande número de pessoas que a influência da escola cristã jamais atingirá. O Padre Gailhac não hesitou em empregar outros meios de educação, quando as necessidades de tempo os recursos à sua disposição mostravam que êle podia assim fazer desenvolver a missão de Cristo. Para responder mais eficazmente ao apêlo da Igreja e da humanidade de hoje é preciso que estejamos prontas a adotar todo meio educativo. Os meios a adotar serão ditados sobretudo pelas necessidades e as possibilidades da situação atual e por nossos recursos.

14- Utilizando os instrumentos educativos que o mundo moderno nos oferece, prestaremos grande atenção aos meios de comunicação social (Cf. IM.13) Trata-se de empregar êsses meios para promover e tornar efetiva a educação de maior número possível e também de formar as pessoas a utilizarem êsses meios de maneira a contribuir para o seu desenvolvimento pessoal e o de tôda a família humana.

15- A Igreja pede-nos para prescrutar os sinais dos tempos à luz do Evangelho a fim de ver o que Deus deseja de nós no mundo atual. O número sempre crescente de jovens faz-nos prestar uma atenção particular a todo meio que possa ajudá-los a serem uma fôrça construtiva na sociedade. Nós os ajudamos a construir o futuro segundo os desígnios de Deus. Nossa missão educativa estende-se também aos adultos, pois, a educação do homem nunca está completa.

16- Há alguns fatos que têm uma importância particular para nós, religiosas educadoras. Atualmente, o urbanismo e a industrialização ameaçam esmagar o homem. Devemos procurar ajudá-lo a reagir contra o que há de deshumanizante nesses fenômenos tão cheios de promessas para o futuro. O automatismo conduz à necessidade da educação para o lazer. Desenvolvendo nos jovens um verdadeiro sentido de recreação do espírito durante as horas de lazer, contribuiremos eficazmente para ajudar o homem a se libertar de uma atividade vasta de sentido assim como da ociosidade.

17- Os materialmente pobre, privados da educação, são igualmente privados da possibilidade de sairem de sua miséria. Atualmente o mundo conhece um movimento para os pobres que encontra na alma das Religiosas do Sagrado Coração de Maria essa predileção pelos pobres que é uma herança preciosa de nosso Fundador. Em alguns casos, êsse apêlo interior pode-nos conduzir não sòmente a nos dedicar à educação dos pobres mas também a nos integrar em seu meio, dando aí o testemunho de nosso amor particular por essa porção desfavorecida da humanidade.

18- A injustiça e o racismo decorrem frequentemente da ignorância. Temos o dever de esclarecer aquêles com os quais mantemos relações sôbre o ensino da Igreja a êsse respeito. Um outro problema ligado a êste deve deter muito particularmente a atenção do Instituto. O desequilíbrio crescente entre países pobres e países ricos é contra a justiça humana. Existe igualmente no seio de um mesmo país grandes injustiças sociais entre ricos e pobres. Membros de Cristo pobre, importa que avivemos nossas consciências a respeito dêsses problemas tão cruciantes e que saibamos como a êles responder pelos meios dos quais dispomos. Nos países em via de desenvolvimento, temos um papel especial a exercer quanto à promoção da mulher e à alfabetização das massas. Religiosas educadoras, não podemos fechar nossos ouvidos a êsse apêlo de socorro que nos vem das necessidades do mundo.

19- A vista dêsses problemas, junto aos nossos esforços para remediá-los pelos meios educativos adaptados a cada necessidade, obriga-nos a um sério exame de consciência sôbre nossas atitudes pessoais e institucionais a êsse respeito. Nossas atitudes devem refletir as de Cristo. Nosso ensino e o testemunho de nossa vida devem levar nossos alunos e os adultos com os quais temos relação a compreenderem que não se ama verdadeiramente a Deus se não se ama de maneira efetiva seus irmãos que sofrem injustiça da qual somos às vezes a causa.

20- As Religiosas do Sagrado Coração de Maria sofrem ' com aquêles que são as vitimas dessas realidades e devem fazer todo o possível para levar-lhes socorro. O desejo de prover a essas necessidades exigirá da comunidade uma avaliação séria das necessidades mais urgentes e dos recursos disponíveis; uma fidelidade corajosa ao Espírito a êsse mesmo Espírito que inspirou nosso Fundador - para saber o que êle quer de nós atualmente. Se acharmos que é preciso renunciar a algumas de nossas instituições existentes a fim de podermos responder melhor ao apêlo de Deus que nos chega através do mundo, não o faremos sem ter estudado com muito cuidado a situação da instituição.

21- A educação é de um tal valor e de uma tal importância que exige tôdas as nossas energias. O desenvolvimento das qualidades pessoais é essencial a tôda educadora e êsse desenvolvimento será sempre secundado por uma boa preparação profissional. A educadôra deve conhecer os melhores métodos pedagógicos e estará sempre à escuta de Deus que lhe fala na oração, por seus alunos e pelo mundo para realizar com êxito sua missão.

22- O apêlo do Senhor convida-nos a seguí-lo e a partilhar sua missão fomentando o espírito de contemplação. É perfeitamente normal que em certos períodos da vida sinta-se um atrativo interior para viver , por um tempo prolongado, em um recolhimento mais

intensa. A resposta a êsse atrativo não deve ser considerada como um afastamento do fim apostólico de nossa vida mas antes como uma expressão nova de nosso desejo de viver sempre mais unidas a Cristo e à sua obra. Essa contemplação, com efeito, nos faz participar mais profundamente do amor do Filho pelo Pai e pelos homens e enriquece a vida apostólica do Instituto. Ela nos ajuda a melhor compreender o mistério da criação e da vida humana à luz da fé. O Instituto reconhece o valor dessa aspiração e procura dar-lhe uma resposta pelo estabelecimento de algumas casas dedicadas mais intensamente à oração apostólica.

23- Quando suas fôrças estiverem esgotadas pelo trabalho, pela doença ou pela idade, as religiosas reconhecerão nêsse fato um apêlo de Cristo a sacrificarem as alegrias da atividade e a entrarem mais profundamente em seu mistério pascal. A presença das irmãs idosas ou doentes na comunidade é uma fonte fecunda de vida apostólica pelo fato mesmo de sua fidelidade a Deus e de sua união com suas irmãs. A vida de oração e de retiro, a sabedoria da experiência, os serviços que elas poderão prestar serão uma fonte de inspiração para as mais jovens. Tendo dado sua vida ao serviço de Deus, elas prepararam as possibilidades que oferece o momento presente.

24- No ideal, nossa missão apostólica abraça o mundo; nosso zêlo, a exemplo de Cristo, nos impele a ir "no mundo inteiro pregar a Boa Nova a todos os homens". Nossas limitações humanas, entretanto, e a vocação específica de nosso Instituto nos obrigam a ocuparmo-nos de um setor relativamente restrito do apostolado universal. Nesse espírito de zêlo, dedicando-nos sem descanso ao trabalho que já empreendemos - a graça do momento atual - devemos ao mesmo tempo abrirmo-nos às possibilidades novas escutando a voz de Deus que nos fala pelo mundo e pela Igreja de hoje. Segundo o espírito do Fundador, devemos considerar a possibilidade de empreender outras obras em resposta a essas necessidades urgentes.

RECOMENDAÇÕES

1 - Para responder a todos os apêlos do apostolado que diferem de país para país, uma grande flexibilidade de ação e de aplicação dos princípios se impõe no nível provincial.

2 - Conscientes da importância vital de nossa missão educativa, cada religiosa, cada instituição procurará os meios os mais atuais e criativos na elaboração dos planos de educação, a fim de assegurar que elas estejam à frente na evolução dos métodos pedagógicos.

3 - A formação ao apostolado deve começar desde a primeira educação das crianças... Importa, pois que aquêles que têm a seu cargo a educação cristã, atendam a essa educação apostólica. (AA 30) Em cada escola deve-se considerar essa iniciação progressiva ao apostolado como fazendo parte integrante da educação das crianças.

4 - As religiosas são animadas a colaborar com organizações oficiais, sejam eclesiásticas ou civis, em vista de empregar todos os meios possíveis para assegurar às crianças tôdas as condições econômicas, sobretudo às menos favorecidas, uma educação de acôrdo com a dignidade humana.

5 - O apostolado exercido nos lares e centros universitários é considerado como um meio eficacíssimo para responder às necessidades dos jovens e essa forma de apostolado deve ser estimulada e mantida.

6 - A competência profissional, sendo de primeira importância para a religiosa apostólica, um conselho de educação deve ser estabelecido em cada província a fim de guiar a formação profissional das religiosas, por meios tais como cursos de reciclagem, que as manterão ao corrente dos desenvolvimentos no domínio de sua especialização. Êsses conselhos poderão ter a assistência, igualmente, de peritos

leigos.

7 - Nossos estabelecimentos devem ser centros para a comunidade local; por conseguinte importa , tanto quanto possível, por edifícios e equipamentos a seu serviço.

8 - O Instituto faz seu o movimento mundial para os pobres a exemplo da Igreja. Êle reconhece que algumas religiosas são chamadas a viver e a trabalhar entre êles. Honrando seu pedido, o Instituto deve levar em conta as obrigações existentes

9 - Cada província deve prever atividades apostólicas apropriadas a cada religiosa que atingiu a idade da retirada da ativa.

10- As visitas são uma extensão de nossa missão apóstolica e as religiosas são estimuladas a considerá-las sob êsse prisma.

11- A experiência, em vista da adaptação do hábito religioso, é autorizada, Deixa-se inteira liberdade às religiosas de participarem, ou não dessa forma de experiência.

12- No que diz respeito à experiência sôbre o hábito importa fazer as seguintes distinções:

a) a adaptação de nosso hábito atual
b) experiência com um hábito contemporâneo

No segundo caso, o capítulo autoriza o uso de hábito contemporâneo modelado sôbre "tailleur " ou vestido simples. Um sinal distintivo de nossa consagração é obrigatório. As côres empregadas podem ser: azul, beije, cinza, prêto ou branco. Considera-se extremamente desejável o uso de um véu ou de alguma outra "coiffure". Haverá momentos nos quais a religiosa será livre de não usar. A extensão da experiência será decidida em cada província. Observar-se-ão as normas específicas em Perfectae Caritatis 17.

13- Em alguns casos e em algumas ocasiões, a superiora local poderá permitir o uso de vestes seculares.

14- Tanto quanto possível, o Instituto deverá estar disponível para aceitar funções apostólicas segundo sua natureza, no plano diocesano ou paroquial, lá onde a hieraquia solicite sua colaboração.

15- Animadas pelo zêlo e em resposta às necessidades ' legìtimamente reconhecidas, o Instituto poderá permitir às religiosas trabalhar fora de suas escolas, isto é, no ensino público ou particular, católico ou não católico.

16- Nosso apostolado deve-se exercer primeiro para com nossas irmãs. Procuraremos reforçar os laços de solidariedade por todos os meios a nosso alcance, em particular, o de uma comunicação frequente com nossas irmãs, sobretudo com aquelas que participam da missão do Instituto fora de seu próprio país.

17- Recomenda-se o estabelecimento, logo que possível, de uma casa especialmente dedicada à oração apostólica.

18- As religiosas lembrar-se-ão que o exemplo de sua própria vida constitui a melhor recomendação do seu Instituto.

--*-*-*-*

M I S S Õ E S

"Por sua natureza, a Igreja, durante sua peregrinação pela terra é missionária, pois ela própria deriva da Missão do Filho e da Missão do Espirito Santo, segundo o desígnio de Deus Pai". (AG 2)

1 - A atividade missionária da Igreja, expressão dinâmica da sua vitalidade, não se exerce sempre nas mesmas condições. As iniciativas que têm por finalidade pregar o Evangelho e implantar a Igreja entre os povos ou grupos humanos que não crêem ainda em Cristo ou naqueles onde ela ainda não está enraizada são comumente chamadas missões.(AG 6). Na sua missão universal, que continua a de Cristo a Igreja considera as missões como parte integrante de seu próprio ministério.

2 - O Vaticano II convida todos os cristãos a uma reflexão profunda sôbre seus deveres missionários junto dos não cristãos. Esta tomada de consciência deve mobilizar todo o Povo de Deus,isto é, as comunidades cristãs paroquiais e diocesanas,os institutos religiosos e todos os leigos em geral. As Religiosas do Sagrado Coração de Maria devem, pois,participar,ativamente,da obra missionária.Os que são enviados para as missões,não irão em seus próprios nomes, mas em resposta a um chamado particular de Deus e em nome do Instituto que lá realiza um trabalho para tôda Igreja.

3 - A vocação do homem na terra é um crescimento contínuo sob o ponto de vista humano,cultural,social e religioso, Foi para êste fim que Deus lhe deu, em germe, um conjunto de qualidades que êle próprio deve desenvolver e também as inesgotáveis riquezas da natureza que sua inteligência pode descobrir e empregar em favor do progresso.É neste desenvolvimento total e harmonioso que o homem caminha para sua plena inserção em Cristo,para uma maior parti-

cipação da vida de Deus seu Criador. A atividade missionária deve, pois, ter em consideração todo o homem e tornar a Igreja presente por meio de uma mensagem viva, comunicada em tôda a sua pureza e extensão.

4 - A educação é o principal meio de apostolado missionário das Religiosas do Sagrado Coração de Maria. É pela educação que elas contribuem, do modo mais eficaz, a que o homem, com tôda liberdade, trabalhe, conscientemente, em vista de realizar, com plenitude, seu verdadeiro desenvolvimento. Nas missões, as religiosas são chamadas a responderem às múltiplas necessidades dos homens. Elas contribuem na formação humana das pessoas de tôdas as idades e condições.

5 - As missionárias devem saber discernir todos os valôres humanos encerrados na cultura e na organização internas da comunidade local e ajudá-la a integrar no seu meio novos fatôres de progresso, sob o ponto de vista social, econômico, cultural e religioso. Nesta atividade tão vasta e urgente, é preciso colaborar com tôdas as fôrças construtoras que podem agir eficazmente na comunidade local: iniciativas propostas pelas instituições particulares e públicas, pelo govêrno, pelos organismos internacionais, pelas diversas comunidades cristãs e pelas religiões não cristãs. (AG 36)

6 - É pelo testemunho de sua vida, pelo diálogo e pela caridade, que o missionário prega o Evangelho e contribui para a formação da comunidade cristã, objetivo específico de uma missão. Neste mesmo fim, a atividade das religosas autóctones é indispensável. Sua preparação exige uma atenção particular, levando em consideração as características de seu meio. É preciso que elas sejam preparadas para assumir, em seu meio, as responsabilidades da missão apostólica do Instituto.

7 - O chamado missionário deve ser comprovado por al-

gumas qualidades de caráter e aptidões necessárias à obra que é confiada à missionária. Aberta e comunicativa por temperamento, capaz de suportar com coragem e paciência a solidão, o cansaço, o trabalho infrutífero, a missionária deve ter também espírito de iniciativa, capacidade de se adaptar a novos costumes e a situações mutáveis.

8 - O Concílio é exigente quanto à preparação das missionárias. Se não se pode encontrar em cada um dos membros de uma equipe missionária tôdas as qualidades e aptidões fundamentais requeridas pelo apostolado missionário, é necessário que elas existam todas na equipe, a qual fará sua auto-formação de uma forma contínua e progressiva.

RECOMENDAÇÕES

1 - Para aceitar uma obra missionária, é preciso fazer um estudo prévio sôbre os seguintes aspectos:

- finalidade da obra, meios que se deve empregar e meio onde vai-se desenvolver;
- recursos sob o ponto de vista econômico;
- poderes respectivos do bispo e do superior da missão no que se refere a atividade missionária das irmãs.

Este estudo permitirá ao Instituto, de uma parte, enviar uma equipe de religiosas tendo as qualidades requeridas e de outra parte, assegurar-lhes condições de um trabalho eficiente.

2 - Ainda que seja do interêsse das missões que algumas irmãs lá permaneçam por muito tempo, deve-se deixar à missionária que manifesta o desejo, a liberdade de voltar para sua província de origem se ela o julga necessário.

3 - Para não privar as missionárias dos meios necessá-

rios a seu enriquecimento espiritual, cultural e profissional, os períodos de atividade em missão devem-se alternar com outros na sua província de origem a qual determinará a frequência e a duração. Esta estada é também uma necessidade a fim de fortalecer tôdas as suas energias e lhes permitirá viver no ritmo da civilização e do progresso.

4 - Não se deve enviar para as Missões senão as religiosas chamadas a êste trabalho ou aquelas que se oferecem para fazê-lo durante alguns anos.

5 - O trabalho temporário nas missões tem um grande valor e deve ser estimulado entre as religiosas, as antigas alunas e as pessoas que desejam dedicar-se a êle. Estas terão muito a receber daqueles a quem tiverem consagrado alguns anos de sua vida.

6 - A formação da irmã missionária deveria começar desde a minifestação dêste chamado especial. O período que precede sua partida para as missões deve ser um tempo de formação intensiva a qual será continuada no país de missão.

7 - Os responsáveis pelas comunicações, em todos os planos, devem tornar conhecido pelo Instituto o trabalho missionário em geral e sobretudo o das missões que lhe foram confiadas. Os missionários, por sua vez, devem enviar aos centros de comunicações, o resultado de suas experiências apostólicas, de suas pesquisas e de todos os documentos que lhes forem solicitados.

8 - As missionárias, tendo necessidade de serem encorajadas pelo apôio fraterno de todo o Instituto, uma comunicação intensa e permanente com as Missões deve ser organizada. As visitas frequentes e regulares das superioras maiores são da mais alta importância.

--*-*-*-*

FORMAÇÃO

F O R M A Ç Ã O

"A renovação adaptada dos Institutos depende sobretudo da formação dos seus membros."

(P.C.18)

VOCAÇÃO DA RELIGIOSA DO SCM.

1 - A História da salvação ou "formação" do Povo de Deus é a história do desabrochar progressivo, no tempo, do apêlo de Deus, convidando o homem ao diálogo com Êle e à comunhão com seus irmãos.
Deus não se impõe, convida. Deve a resposta do homem ser o engajamento de sua liberdade. No plano divino, cada pessoa é única, sua resposta a Deus o é também. Recusando-se ao diálogo, ninguém pode substituí-la: o que ela não fizer, jamais será feito.
A Sagrada Escritura traduz essa escolha em têrmos de missão, de serviço de Deus, pelo culto, e pela obediência à amável vontade do Pai.

2 - Êsse diálogo íntimo de Deus com o homem no chamado de Abraão, de Isaac, de Jacó e a aliança com Israel, torna-se Pessoa no Verbo Encarnado, Palavra por excelência. Quando Cristo convida seus discípulos a colaborarem com Êle, na reconciliação dos homens, não só com o Pai, mas também entre êles, é a mesma história da salvação que continua. A criação da comunidade cristã aparece, assim, como sendo parte integrante do fato da Encarnação. O chamado para viver numa comunidade religiosa coloca-se no centro dêsse testemunho prestado ao acontecimento da salvação, e transforma a vida em uma busca dinâmica e exigente dos meios de manifestar a todos os homens a perfeição do amor.

3 - Essa iniciativa divina torna-se perceptível no chamado a uma jovem para abraçar uma vida como a de

Jesus Cristo, inteiramente dedicada à obra da Redenção, segundo o ideal apostólico legado pelo Padre Gailhac. Não há chamado que não inclua uma missão na Igreja, pela salvação de todos os homens. A resposta, tal como a de Maria, Mãe da Igreja, deve ser informada pela fé e pelo amor, princípios do zêlo que caracteriza o Instituto. Esse dom todal de si a Deus, na sua Igreja, é ratificado quando a jovem é admitida, pela Igreja, na Comunidade do SCM.

4 - Deus não chama uma vez por tôdas. A vocação é um apêlo de cada dia. A formação, tendo por finalidade preparar uma resposta quotidiana, deverá, pois, ser permanente.

A PESSOA CHAMADA

5 - O dom de si a Deus, colocando a jovem no seguimento de Cristo, num Instituto religioso dedicado ao apostolado, motiva sua resposta. A vida na comunidade das religiosas do SCM requer saúde psicológica e física, personalidade marcada pela sinceridade, generosidade, discreção, e outras virtudes naturais. A candidata deve ter, ao menos virtualmente, maturidade afetiva, intelectual e espiritual, caracterizada pela liberdade interior e capacidade de amar, abertura de espírito, retidão, julgamento reto, senso de responsabilidade e espiritualidade baseada na fé. Que seja capaz de adaptar-se aos acontecimentos da vida e a tôdas as pessoas que encontrar. Uma pessoa formada para discernir as vocações ajudará a candidata a ter conhecimento mais exato de sua vocação, para que ela a reconheça como apêlo de Deus.

A RESPOSTA DA COMUNIDADE

6 - É imprescindível que a comunidade religiosa desenvolva em si as qualidades exigidas da candidata, a

fim de oferecer-lhe um meio positivo que a auxiliará na busca da verdadeira consagração. No exercício de uma fidelidade mútua, renovada cada dia, as irmãs e a candidata se enriquecem reciprocamente. Na medida em que é consciente da sua missão, a comunidade é fonte de energia apostólica poderosa e dinâmica; contribui, assim, positivamente para a formação da futura religiosa. Graças a esta formação, uma atmosfera de confiança, de abertura e cooperação, a jovem é conduzida à liberdade interior: verdadeira maturidade, medida do desenvolvimento que deve alcançar "o homem perfeito que realiza a plenitude do Cristo". (Ef 4,13)

FORMAÇÃO PARA A MISSÃO APOSTÓLICA

7 - Formar uma religiosa do SCM é acolher a jovem como ela é, na totalidade de seu ser, para ajudá-la a desenvolver as riquezas que possui e a participar do carisma da comunidade, para assim cumprir plenamente a missão que lhe é confiada.

8 - Formar uma religiosa do SCM é ajudar a pessoa chamada por Deus a crescer no conhecimento profundo de Cristo, em familiaridade com Êle, cada vez mais íntima, na oração; é ajudá-la a crescer progressivamente no dom de si à Sua Pessoa e a Seu serviço, a partilhar de Sua vida, de Sua missão; é permitir-lhe verdadeira experiência progressiva da vida religiosa, numa comunidade do SCM.

9 - A formação espiritual é baseada no mistério de Cristo. Pela Sagrada Escritura, lida e meditada na oração, a candidata chegará ao conhecimento pessoal e sempre mais profundo do Senhor. Será ajudada a aprofundar o Antigo Testamento e a ver nêle a preparação para a vinda do Verbo Encarnado. Na leitura assídua do Evangelho, será orientada no sentido de adquirir um conhecimento mais íntimo de Jesus Cristo que ela deve encontrar de uma maneira tôda especial na celebração comunitária da liturgia, sobre-

tudo da Eucaristia. Encontrá-lO-á também no mundo onde Êle está continuamente agindo. Deve sua formação ter caráter apostólico, pois a jovem é escolhida para colaborar na obra de Cristo Redentor. Crescerá no sentimento da presença de Deus de tal modo que tôda a sua atividade seja impulsionada pela fé, a esperança e o amor. Animada por uma sábia direção, ela achará sua unidade, abrindo-se inteiramente às exigências do amor autêntico, Assim, cada vez mais, será disponível aos outros, na liberdade e na alegria evangélicas.

10- É na prática dos Conselhos evangélicos que encontrará o meio mais eficaz para atingir o ideal que lhe é proposto. Pela sua consagração a Deus na castidade, "por causa do reino", a religiosa participa do amor de Cristo por todos os homens e liberta seu coração para o serviço exclusivo de Deus e de seus irmãos. O voto de pobreza a dispõe para uma dependência total em relação a Deus e à comunidade, e a livre partilha de tudo que recebe. No amor, ela faz a Deus a doação livre e total da sua vontade própria e, com isso, comunga intensamente com a vontade salvífica do Pai, no mistério do Cristo Servidor. (Fil 2,7) Dêsse modo, participa da obediência redentora de Cristo que, sendo Deus por natureza, "se aniquilou, obedecendo até a morte e morte de Cruz ,"Fil 2) e ensinou a obediência em tudo o que sofreu". (Heb 5)

11- O prosseguimento da missão redentora de Cristo no mundo exige da religiosa preparação humana e profissional sólida, incluindo profundo respeito pela criação. Deve-se dar especial atenção à cultura geral da candidata e ao seu relacionamento humano. A formação intelectual e pedagógica lhe será dada em vista do trabalho educativo da comunidade. Deverá a formação proporcionar a tôdas as religiosas um preparo que lhes permitirá colaborar na educação da fé, o que exige, além de sério conhecimento doutrinal, a aptidão para conhecer as pessoas, a quem deverá dirigir-se, e para descobrir a revelação de Deus nos sinais dos tempos.

12- A compreensão apostólica da oração e da vida consagrada em comunidade garante a sua doação ao serviço da Igreja. Plenamente consciente da sua responsabilidade pessoal, na história da salvação, e reconhecendo que Deus lhe confiou dons que completam os dos outros, ela se empenhará na formação do Corpo Místico de Cristo. Seus dons não pertencem a ela sòmente, são também para o próximo; no plano divino, devem os membros do mesmo corpo se completar; cada qual a seu modo, contribui para o bem de todos. Sua generosidade em se dar e em receber fortalecerá a solidariedade a caridade fraterna da comunidade unida "num coração e numa só alma".

13- Todos êsses elementos são partes integrantes da formação, mas a vida exige que, em determinados momentos, a tônica seja posta num ou noutro ponto. Assim concebida, a formação ajudará a candidata a dar-se totalmente a Cristo, harmonizando a atividade externa e a vida interior, nÊle encontrando a sua unidade completa.

14- Não se pode dizer que a formação está consumada; ' completa-se no decorrer da vida, tanto no campo profissional quanto no espiritual - devendo um e outro desenvolver-se juntamente. A irmã deve ter sempre a competência necessária para cumprir a tarefa que lhe é confiada. Consciente da verdadeira dignidade dessa tarefa, medirá tôda a responsabilidade que pesa sôbre ela. Deverá o Instituto encarar como um dever ajudá-la a enfrentar a evolução constante de permanente formação.

AS RESPONSÁVEIS PELA FORMAÇÃO

15- A vida cristã pode ser vista, na perspectiva de liberdade interior, como aptidão crescente para ser verdadeiramente dócil ao Espírito de amor. O próprio Deus é o agente principal a atrair a pessoa , que quer formar. Visto ser o Espírito em nós que nos leva a Cristo, é claro que ninguém, nenhum agente exterior pode sbstituí-lo nesse trabalho.

Contudo, é também verdade que o homem só pode completar-se num contexto de relações com os outros homens. Isto torna evidente o papel da Comunidade das RSCM, em geral, e o da mestra de formação mais particularmente. Cada um dos membros da comunidade oferecerá sua contribuição pessoal e positiva para ajudar a candidata a compreender as responsabilidades de sua missão. As encarregadas da formação têm responsabilidade mais direta nesse trabalho. Pedindo para ser admitida numa comunidade dedicada ao apostolado, a candidata exprime seu desejo de servir ao Povo de Deus em companhia de outras, unidas num mesmo Espírito. Doravante tudo, mesmo seu crescimento no Espírito, estará relacionado com essa comunidade. Uma relação dinâmica com os outros membros que a compõem cooperará para dar-lhe a segurança de que necessita para lutar contra as tensões que surgirem entre a liberdade absoluta, dada pelo Espírito Santo, e a pressão exercida por sua própria natureza decaída e a de suas irmãs. Recebida com amor por tôdas, e guiadas pelas que estão mais diretamente delas encarregadas, pode a candidata engajar-se com segurança no caminho do conhecimento e da aceitação de si, compreendendo com S. Paulo que é sempre possível abusar da liberdade recebida, se alguém dela se serve como pretexto para seguir os próprios impulsos. Se isto acontece, ela tem no entanto a certeza de que é sempre possível a reconciliação com suas irmãs, visto pensarem elas, como o próprio Cristo, que o crescimento no Seu amor vale tal risco.

16- Embora aceitando voluntàriamente a tendência atual de engajar todos os membros da comunidade na preparação da candidata, é claro que não se pode minimizar o papel das pessoas mais especialmente qualificadas para o trabalho da formação. A unidade e a eficácia dêste trabalho só se realizam na medidaem que há união entre os membros da equipe que para isso colaboram e cuja complementação será para a candidata o sinal da beleza e da fôrça da vida comunitária. A composição dessa equipe pode variar de

uma Província para outra; uma das mestras de formação será a coordenadora da equipe.

17- No processo de idenfificação com os fins e o espírito de uma comunidade, é imprescindível que a candidata descubra por experiência pessoal que êsses ideais são realmente vividos. Importa que a equipe de formação, sobretudo a responsável, possa encorajar essas altas aspirações da candidata e inspirar lhe confiança na sua capacidade para realizá-las. A comunidade tem o direito de esperar muito da candidata que, em troca, participará da herança comum. A futura religiosa, por sua vez, tem o direito de esperar da comunidade: inspiração, estímulo, apôio, confiança e respeito. Cabe à comunidade nada economizar para oferecer as mais eficazes condições para o desenvolvimento incessante de tôdas as religiosas e o crescimento de sua união em Cristo. Elas cercarão de atenções particulares as que se preparam para a sua entrega definitiva.

18- A fim de comunicar a cada candidata a imensa riqueza de uma comunidade internacional, parece oportuno prever uma comissão internacional de Formação como ajuda eficaz para assegurar a largueza de vista. Essa perspectiva verdadeiramente católica permitirá adaptar os fins mais particulares aos apêlos da Igreja Universal, e estimulará o progresso sempre crescente de cada religiosa no esquecimento próprio e na disponibilidade.

NOVAS ORIENTAÇÕES

19- "Após oportunas experiências, compete a cada Instituto redigir seu próprio regulamento adaptado à formação de seus membros". (E.S.38) "Na revisão e adaptação dessa formação façam-se experiências suficientes e prudentes". (E.S. 33) O Concílio sublinha que, para adotar normas permanentes, uma experiência anterior é indispensável. Um Capítulo Geral só pode decidir no que concerne à formação de seus membros, que os programas postos em vigor, a

título de experiência, devam ser estabelecidos e julgados à luz de certos princípios gerais. A autoridade competente para cada nível deve estabelecer um diálogo sério com as interessadas, e velar para que as experiências propostas fiquem na linha geral da renovação adaptada, definida pelo Concílio. Que a experiência implique, pois uma autêntica volta às fontes escriturárias e ao carisma do Fundador, que ela reflita fielmente a tradição viva e sã da comunidade, e enfim que leve em conta os sinais dos tempos. Para issso, é necessário que as responsáveis pela formação sejam igualmente abertas à voz do Espírito, que se faz ouvir através das Superioras, das irmãs e das futuras religiosas que se preparam para partilhar da vida da Comunidade. A formação, por sua própria natureza, está ligada a todos os aspectos da vida religiosa; eis porque, sendo as decisões do Capítulo Geral o resultado da compreensão que a comunidade tem hoje de sua natureza e de seu espírito, tôdas as experiências propostas no domínio da formação devem ser estabelecidas de acôrdo com os fins declarados pelo Concílio.

P R O P O S I Ç Õ E S

1 - Desde que uma jovem manifeste o desejo de entrar no Instituto, êste deve sentir-se responsável por sua preparação ao dom total e por tudo o que êle inclui.

2 - As responsáveis pelas vocações deveriam, onde fôr possível, visitar a candidata em sua casa. Ela será incitada a freqüentes comunicações com as Irmãs.

3 - Cada Província deverá elaborar um plano de formação com as diretivas necessárias para cada etapa, segundo os princípios enunciados neste documento.

4 - As Províncias podem considerar se a colaboração com outras Congregações proporciona ajuda no trabalho da formação.

5 - No plano concebido para auxiliar o crescimento es-

piritual, cultural e profissional da jovem, antes de sua entrada, seria bom incluir um apostolado de duração variável. Pode-se também permitir-lhe passar alguns dias no Noviciado ou numa Comunidade.

6 - Os testes psicológicos podem ser utilizados como um dos meios para discernir a aptidão da candidata.

7 - A passagem da vida secular para a vida religiosa deverá realizar-se progressivamente, a fim de tornar mais fácil o desabrochar da candidata.

8 - Certa flexibilidade será permitida quanto à duração das etapas sucessivas dos 3 primeiros anos de formação.

9 - A ação apostólica, as relações com as professoras, a abertura para o mundo, a estada na família serão consideradas em vista da melhor formação da jovem irmã.

10- Para não prejudicar a unidade indispensável à formação, a jovem irmã, que permanece na comunidade local, deve comunicar-se frequentemente com a mestra de formação.

PERÍODO ATÉ OS VOTOS PERPÉTUOS

11- O tempo necessário para a formação das irmãs pode ser diferente para cada uma delas. O período que vai do primeiro engajamento aos votos perpétuos deverá, pois, ser flexível. O Instituto o prevê, variando geralmente de 5 a 7 anos.

12- O tempo do Juniorato será considerado como tempo de formação especial. A irmã empregará uma parte dêle no estudo da teologia. A ação apostólica estará sempre condicionada às necessidades de sua formação.

13- As junioristas não ficarão tôdas numa só casa, to-

davia permanecerão sob a responsabilidade de uma mesma equipe de formação para a Província.

14- De modo geral nenhuma irmã poderá ser admitida aos Votos perpétuos sem passar pelo menos um ano de pleno engajamento no trabalho do Instituto. Para facilitar a realização de sua missão, o Instituto procurará conhecer as preferências apostólicas das irmãs.

15- Um ano antes dos Votos perpétuos, a irmã fará o retiro de um mês, depois, ela dedicará ao menos dois ou três meses à preparação imediata para a emissão de seus votos.

16- A admissão ao Noviciado, ao primeiro engajamento, aos votos, assim como a despedida de uma noviça são responsabilidade da Superiora provincial e de seu Conselho, após informação consultativa da equipe de formação e das irmãs que vivam com ela. Os dados da consulta e a decisão deverão ser comunicados à Superiora Geral.

17- A tomada de hábito e a profissão poderão ser feitas individualmente. O cerimonial será simples e inpirado na liturgia atual. A profissão pode ser feita na capela do Convento ou numa outra Igreja ou Capela.

PERÍODO APÓS OS VOTOS PERPÉTUOS

18- Após 5 anos pelo menos de profissão perpétua, possam as irmãs interromper suas atividades durante um período de vários meses que lhes proporcione a possibilidade de unificação pessoal nos diversos aspectos de sua vida religiosa apostólica. Em uma atmosfera de calma e oração, de reflexão e estudo, de atividade oportuna, ser-lhes-ão oferecidos meios de aprofundamento e de renovação, de acôrdo com as exigências de sua vocação. Isto é considerado pelo Instituto como necessidade urgente. Cada Província

estudará a melhor maneira de prover a isso seja pela organização de um centro provincial, seja em colaboração com outras Províncias para o estabelecimento de um centro inter-provincial. Se, por razões independentes da Comunidade, uma irmã não pode ser liberada por êsse lapso de tempo, a Superiora provincial lhe dará a possibilidade de compensá-lo por períodos menos longos.

19- Em cada Província haverá retiros de renovação, para as irmãs que têm pelo menos 10 anos de votos perpétuos.

20- É indispensável que, em cada comunidade local, a Superiora proporcione às irmãs a possibilidade de aprofundar sua formação nos diversos domínios de suas especialidades.

A RESPONSABILIDADE DA FORMAÇÃO

21- Cada irmã deve receber formação adaptada ao trabalho a que se destina; as futuras mestras de formação passarão em Roma uma parte do tempo consagrado à sua preparação, a fim de assegurar a unidade na formação dos membros do Instituto.

22- Seja estabelecida em cada Província uma comissão provincial encarregada das questões relativas à formação em geral, na Província. Ela deve seguir a evolução das diversas questões relativas à formação no país e nas outras partes do mundo. Esta comissão poderá ser composta de um membro do Conselho provincial, das responsáveis pela formação de cada etapa e da responsável pelas vocações. A Superiora provincial será nela um membro de direito. Outras irmãs, mesmo entre as mais novas, podem ser chamadas a algumas reuniões, quando isto fôr julgado oportuno. Durante êsse tempo de experiência, seria aconselhável que um relatório de cada reunião da comissão fôsse enviado à Superiora Geral.

A comunicação entre as Províncias é igualmente desejável.

23- As comunidades que estão em contacto com as irmãs em formação devem ter consciência de sua responsabilidade. Deve reinar união entre as responsáveis pela formação em todos os níveis, e uma comunicação tão ampla quanto possível, entre elas, é indispensável.

-*-*-*-*-